**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

GABRIEL BRUNO ÁTILA FIOROTTI OLMOS

# A Disputa pela Legitimidade na Produção Cultural: O Caso de Olavo de Carvalho

GABRIEL BRUNO ÁTILA FIOROTTI OLMOS

# A Disputa pela Legitimidade na Produção Cultural: O Caso de Olavo de Carvalho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em ciência política (PPGPol) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientadora: Profa. Dra. Lidiane Soares Rodrigues

**SÃO CARLOS**

**2022**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Educação e Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em

## Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Gabriel Bruno Átila Fiorotti Olmos, realizada em 19/12/2023.

### Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Lidiane Soares Rodrigues (UFSCar)

Prof. Dr. Júlio Miranda Canhada (Université

Paris 8) Profa. Dra. Vera Alves Cepêda

(UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política.

Dedico este trabalho à minha falecida mãe, que fez o possível e o impossível em vida para me fortalecer e continua sendo minha maior força motriz.

**Agradecimentos**

Aos professores, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFSCar, que me proporcionaram momentos únicos como aluno e aprendiz de ciência, bem como um ambiente acolhedor mesmo estando distante devido à pandemia que vivenciamos logo quando entrei no programa. Agradeço especialmente aos que tive oportunidade de participar das aulas

Agradeço também aos meus amigos feitos na UFSCar e em São Carlos desde 2016 quando fui admitido no curso de Ciências Sociais, principalmente aos que dividiram um lar comigo nesses anos. Todas as vivências e aprendizados ficarão comigo durante os anos de vida. Sou muito grato também a todos meus amigos de São Caetano do Sul, que sempre me fortaleceram em diversos cenários durante este mestrado.

Fico muito contente em agradecer também a todos os docentes do curso de Ciências Sociais, que despertaram em mim o interesse pela ciência e por continuar nesta área específica dela. Em especial à **Maria do Socorro, Vera Cepêda, Renato Almeida de Moraes, Fábio Sanchez, Simone Diniz, Gabriel Casalecchi e Kike Toledo.**

À CAPES, agradeço pela bolsa recebida que me permitiu ter a tranquilidade e estabilidade para realizar este trabalho.

Aos professores **Júlio Canhada, Vera Cepêda, Maria do Socorro e Gabriela Porcionato** por aceitarem fazer parte da minha banca de defesa, não poderia estar em melhor companhia.

Decisiva para este trabalho também foi minha família, principalmente minha irmã **Isabela Olmos** e meu pai **Marcos Olmos**, que sempre apoiaram minha decisão de continuar na universidade. Além deles, agradeço especialmente minha mãe **Angela Maria Fiorotti Olmos,** falecida em 2015, que não pode participar de nenhum momento da minha vida nas Ciências Sociais mas que com certeza estaria

muito contente assistindo minha defesa. Ela foi e sempre será o motivo de toda vitória em minha vida.

Por último, e talvez mais importante, a minha orientadora **Lidiane Soares Rodrigues.** Não existe uma forma de se mensurar e agradecer a todo o trabalho, dedicação e atenção. Foram incontáveis os momentos de suporte e apoio que em meio à crises, desânimos, angústias me permitiram não desistir do trabalho durante o trajeto. Agradeço a todo capricho e esmero durante as aulas, reuniões, indicações de leituras e trabalho em conjunto. Agradeço também todo amparo durante o isolamento da quarentena, que não permitiu o distanciamento das ideias. Agradeço ao zelo pelo meu trabalho, a compreensão dos meus defeitos e principalmente ao esforço em permanecer comigo durante todo este trajeto de graduação e pós-graduação. O meu mais profundo, sincero e verdadeiro obrigado ao trabalho impecável de orientação e a toda amizade construída durante este período.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---|---|
| AI-7 | Ato Institucional nº 7 |
| Cenedic | Centro de Estudos dos direitos da Cidadania |
| DOPS | Departamento de Ordem Política e Social |
| EUA | Estados Unidos da América |
| FFLCH | Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas |
| FSP | Folha de São Paulo |
| PT | Partido dos Trabalhadores |
| PUC-RJ | Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro |
| SBPC | Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência |
| USP | Universidade de São Paulo |

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Publicações listadas na seção de “Artigos” em seu blog.

TABELA 2: Levantamento de Citações com "Chauí" no Blog Olavo de Carvalho

**SUMÁRIO**


**Introdução** **10**
**Parte 2: Apresentação dos Interlocutores** **14**
2.1 Percurso de Olavo de Carvalho 14
2.2 Percurso de Marilena Chauí 18
**Parte 3: Suportes de publicação e difusão de ideias** **24**
**Parte 4: Hipóteses e problemas gerais** **32**
**Parte 5: Notas sobre o conservadorismo, o conservadorismo de Olavo de Carvalho e seu tradicionalismo** **41**
5.1 Um breve resumo sobre o conservadorismo 41
5.2 O pensamento conservador particular de Olavo de Carvalho 44
**Parte 6: Análise dos artifícios utilizados por Olavo de Carvalho** **50**
**Parte 7: Conclusão** **58**
**Referências Bibliográficas** **62**
**Apêndices** **66**

## RESUMO

Nesta pesquisa de mestrado, examinamos as estratégias de legitimação usadas por Olavo de Carvalho para disputar a autoridade no campo intelectual como professor e filósofo. Para tanto, analisamos sua produção literária e sua participação nas redes sociais, concentrando-nos na disputa simbólica que Olavo de Carvalho estabelece com a filósofa Marilena Chauí, que é docente no programa de filosofia da USP. Além disso, coletamos dados das figuras frequentemente mencionadas por Olavo de Carvalho para contextualizar seu trabalho. Investigamos como ocorre sua busca por legitimação na produção cultural, as estratégias específicas que emprega e o papel do conservadorismo em sua formação intelectual. Este estudo contribui para uma compreensão mais aprofundada das estratégias de legitimação de figuras públicas no cenário intelectual contemporâneo.

Palavras-chave: Olavo de Carvalho, legitimidade, produção cultural, conservadorismo, Marilena Chauí.

## ABSTRACT

This master's research examines the legitimization strategies employed by Olavo de Carvalho in his attempt to establish authority within the intellectual field as a professor and philosopher. We analyzed his literary works and his activity on social media, focusing on the symbolic dispute he engages in with the philosopher Marilena Chauí, a faculty member in the Philosophy Department at the University of São Paulo (USP). In addition, we collected data on the individuals most frequently mentioned by Olavo de Carvalho in order to contextualize his work. We investigated how he seeks legitimacy in cultural production, the specific strategies he employs, and the role of conservatism in shaping his intellectual formation. This study contributes to a deeper understanding of the legitimization strategies adopted by public intellectuals in the contemporary intellectual landscape.


**Keywords:** Olavo de Carvalho; legitimacy; cultural production; conservadorism; Marilena Chauí.

## Introdução

Participar do meio acadêmico enquanto estudante de ciências humanas e mestrando em ciência política e, ao mesmo tempo, conviver com amigos e famíliares que não pertencem a este universo fez-se como uma experiência, no mínimo, peculiar. Creio que, assim como eu, todos que estão neste ambiente já ouviram comentários sobre a universidade pública estar “ideologicamente controlada” ou “aparelhada pela era do governo dos Partidos dos Trabalhadores”, sugerindo que o conhecimento nela produzido é inválido e refutável. Apesar de ser uma situação comum, trata-se de um movimento que aparenta ter se intensificado com o atual crescimento de uma direita diferente, que começa a mostrar as caras no Brasil publicamente em 2013 (VELASCO E CRUZ, 2015, p. 13), mas que possui raízes muito mais profundas e antigas.

De acordo com Rodrigues (2018), deslegitimação da universidade enquanto produtora de conhecimento consiste em um esforço realizado por atores que não pertencem ao meio, mas que o disputam, tentando migrar para si a legitimidade da produção cultural. Dentre os atores engajados neste processo, destacam-se os meios de comunicação populares, como os jornais e a internet, e os seus intelectuais, que ganham protagonismo por meio das revistas e, mais atualmente, das redes sociais.

Em 1988, por exemplo, o jornal Folha de São Paulo (FSP) publicou uma matéria intitulada *Lista dos Improdutivos,* divulgando ao público uma lista com nomes de professores da Universidade de São Paulo (USP) que não haviam publicado nenhuma produção científica nos anos de 1985 e 1986. Nesse período, os jornais - principalmente a FSP - passaram a contar com jornalistas-especialistas (CHIARAMONTE, 2015), que movimentavam-se em busca da legitimidade da produção de bens simbólicos. Os jornalistas, representantes, nesse caso, do pólo ampliado, estabeleceram-se contra o pólo autônomo, representado pelos professores da USP, reivindicando para si a autenticidade da opinião pública e o direito de expor a um público mais amplo assuntos antes restritos à disputa entre pares (CHIARAMONTE, 2015).

Assim, a *Lista dos Improdutivos* demonstra de maneira inteligível um cenário de disputa entre os pólos autônomo e ampliado pela legitimidade da produção cultural. Trata-se de um cenário que, nessa dissertação, será examinado à luz dos

trabalhos de Olavo de Carvalho, intelectual falecido em 2022 que, por meio de seus livros, artigos de opinião e aulas, criticou fortemente a universidade pública, defendendo que, em tais instituições, prevalecia uma "hegemonia cultural de esquerda" (CEPÊDA, 2018, p. 59). Nesta dissertação, portanto, investigo as particularidades dos processos de disputa em torno da transferência da legitimidade da criação de bens simbólicos, deslocando-a do polo erudito para o pólo ampliado. Busco responder às seguintes questões: De que maneira ocorre o confronto pela legitimidade na produção cultural, liderado por Olavo de Carvalho? Quais ferramentas e estratégias Olavo de Carvalho utiliza para adquirir e estabelecer essa legitimidade?

A oposição de Olavo de Carvalho à universidade e ao pensamento de esquerda pode ser analisada à luz do conceito de mercado de reações (RODRIGUES, 2018) no qual ele está inserido. Trata-se de uma dinâmica que relaciona-se aos governos petistas e que pode ser definida da seguinte forma: uma das partes em disputa age a partir das críticas endereçadas à outra parte, que é sua oposição, e, dessa forma, visa alcançar um público mais vasto. No caso dos governos petistas e do Lulismo, observamos que, à medida que a popularidade do Lulismo coloca a esquerda no papel de situação política e a direita se posiciona como contra-público, intelectuais que se opõem ao Lulismo se encontram na posição de reagir aos governos petistas. Esse cenário de mercado de reações se expressa pela produção de conteúdo que se baseia nas críticas aos governos petistas, atendendo a uma clientela diversificada que consome esse conteúdo de vários criadores (*idem*).

Conforme Rodrigues (2018), Olavo de Carvalho estaria situado politicamente no campo da extrema direita. Apesar disso, o autor defende uma posição inqualificável sobre si mesmo, reivindicando, ao invés de parte, o posto de *meio* que possibilita o nascimento do movimento de direita. "Eu quis que uma direita existisse, o que não quer dizer que eu pertença a ela. Fui o parteiro dela, mas o parteiro não nasce com o bebê." (FELLETT, 2016). Aqueles que não encontravam representação dentro do pensamento dominante no espectro dos intelectuais de direita, aderiram ao movimento, tornando-se parte da clientela do autor. Essa clientela é denominada de diferentes maneiras, seja como seguidores ou alunos, dependendo da forma como cada produtor estabelece sua conexão com ela. Todos esses seguidores compartilham uma característica comum: um déficit de capital cultural

(RODRIGUES, 2018) e o desejo de se envolver ativamente na esfera do debate político.

Nesse sentido, observamos que a abordagem adotada por Olavo de Carvalho pode ser vista como uma variante do pólo autônomo no campo cultural: o autor adapta uma versão da produção erudita para um formato comercial, que atende à demanda de uma clientela interessada em consumir conteúdo político com um toque de erudição, embora mais simplificado. Dessa forma, ele cria um produto cultural menos refinado, mas mais atrativo do ponto de vista comercial (RODRIGUES, 2018, p. 292). Esse movimento menospreza a pluralidade de ideias da universidade pública e insinua que somente pensadores de esquerda são aceitos para produzir conhecimento, alimentando uma série de argumentos que Olavo de Carvalho mobiliza ao trabalhar o tema da moralidade da esquerda, que será discutido no tópico que analisa a sua obra. Além disso, a fabricação de produtos culturais menos refinados fomenta a criação de uma agenda de pesquisa paralela à universidade e de uma série de institutos e ferramentas para a divulgação dessa agenda.

> Nessa empreitada surgem muitos investimentos da nova direita brasileira: na criação de institutos, sites e blogs conservadores e liberais; na formação de uma rede editorial e na produção de textos (nacionais ou internacionais); na preparação de quadros e atuação junto à juventude; na disputa por espaço na arena acadêmica e intelectual (CEPÊDA, 2018, p. 59)

Como tal críticas são fartas no trabalho de Olavo de Carvalho, esta dissertação procurará destrinchar os argumentos utilizados pelo autor para deslegitimar a universidade e legitimar-se enquanto intelectual público e filósofo, mesmo sem diploma. Com o propósito de demonstrar todas as guinadas em sua carreira como intelectual, descrevi o seu percurso de vida como profissional e apresentei como Olavo de Carvalho divulgou suas obras e ideias, e quais foram os aparatos utilizados por ele nessa empreitada, como editoras, jornais e redes sociais. Em terceiro lugar, analisei a trilogia dos livros*: "A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci"; "O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César - Ensaio sobre o materialismo e a religião civil"; "O Imbecil Coletivo: Atualidades inculturais brasileiras".* Essas três obras fundamentam as críticas de Olavo de Carvalho e configuram o ponto central de sua obra, compondo o plano de leitura definido pela "Escola de Conservadorismo" para se entender o trabalho de

Olavo de Carvalho[1]. Com tudo isso em mãos, um mapa autoral foi levantado, buscando os nomes mais frequentemente mencionados por Olavo de Carvalho em seus ataques ligados à universidade pública e elencando os quatro mais destacados para um exame mais aprofundado.

[1] Disponível em: <https://www.escoladeconservadorismo.com/plano-de-leitura-olavo-de-carvalho/>.

## Parte 2: Apresentação dos Interlocutores

### 2.1 Percurso de Olavo de Carvalho

Olavo Luiz Pimentel de Carvalho, ou Olavo de Carvalho, como é conhecido, nasceu em Campinas, interior do estado de São Paulo, em 1947, e mudou-se para São Paulo aos dois anos de idade, com seu pai Luiz Gonzaga de Carvalho e sua mãe Nicéa Pimentel de Carvalho[2]. A primeira experiência de Olavo com o jornalismo foi em meados de 1965, no jornal *Notícias Populares,* ainda em sua juventude, aos dezessete anos. Um ano mais tarde, em 1966[3], filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro, mas o abandonou após dois anos de participação. Posteriormente, iniciou o curso de Filosofia na PUC-RJ, mas não o concluiu (PATSCHIKI, 2012). Durante este período como aluno de graduação, Olavo de Carvalho obteve sua licença para trabalhar como jornalista, profissão que se tornaria sua fonte de renda anos mais tarde.

O início da carreira de Olavo de Carvalho como jornalista profissional se deu pelo jornal *Folha da Manhã* (1967-1971), passando para a revista *Brasil-Israel* (1968), jornal *Cidade de Santos* (1971-1972); revista *Atualidade Médicas* (1973-1975); *Jornal da Tarde* do *Estado de São Paulo* (1973-1975) e *Jornal da Semana* (1976-1977). Após esses trabalhos, o autor ocupou-se como autônomo em diversas revistas de temas variados (PATSCHIKI, 2012). Nos anos de 1980, Olavo de Carvalho engaja em uma nova empreitada profissional, distanciando-se das funções de jornalista e redator e aproximando-se do ofício de astrólogo com o propósito de consolidar-se como profissional e autor na área[4]. Ao final da década, Olavo de Carvalho inicia seus estudos de filosofia de maneira autodidata e passa a dedicar-se efetivamente para a disciplina, ministrando cursos e palestras sobre temas variados da área.

Com esse movimento, Olavo de Carvalho inicia sua jornada como um "intelectual" (PATSCHIKI, 2012, p. 33), inaugurando o *Seminário de Filosofia* com o propósito de ensinar filosofia para aqueles que situavam-se fora do pólo acadêmico.

---

[2] Redação Brasil Paralelo. "Quem é Olavo de Carvalho?" 2021. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/quem-e-olavo-de-carvalho?gclid=EAIaIQobChMI9PW13t3D9gIVCw2RCh1wSQHUEAMYASAAEgLuz_D_BwE>.

[3] CARVALHO, O. de. O imbecil coletivo 1. op. cit. p. 319.

[4] TÓTORA, R. "Um acerto de contas com a astrologia. Entrevista de Olavo de Carvalho". Porto do Céu. 01.06.00

Olavo de Carvalho afirma que ensinou cerca de cinco mil alunos[5] ao longo de sua trajetória lecionando no *Seminário de Filosofia.* Com essa empreitada, Olavo de Carvalho auto afirma-se professor, fazendo da filosofia a sua ocupação principal e o seu ganha-pão, e passando a dedicar-se à angariar clientela para seus cursos e livros sobre filosofia.

Em 1994, Olavo de Carvalho publica seu primeiro livro sobre filosofia, intitulado "*Uma filosofia aristotélica da cultura"*[6], sobre a filosofia Aristotélica, e, logo em seguida, ainda no mesmo ano, lança "*A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci"*, primeiro livro da trilogia que se tornaria o maior trabalho literário do autor tempos depois. Um dos objetivos principais do autor com essa primeira obra da trilogia foi o de rechaçar aquilo que ele próprio chama de "hegemonia cultural de esquerda", reafirmando, assim, o seu posicionamento pessoal como um intelectual de direita. Em 1995, Olavo de Carvalho publica "*O Jardim das Aflições: de Epicuro à ressurreição de César - Ensaio sobre o materialismo e a religião civil"*[7] (livro este que dá nome ao filme de sua vida), segundo livro da trilogia e, no ano seguinte, em 1996, lança *"O Imbecil Coletivo: Atualidades inculturais brasileiras"*, pela *Faculdade da Cidade Editora*, finalizando a sequência da trilogia. Essa terceira obra foi um sucesso de vendas, esgotando rapidamente a primeira e segunda edição (PATSCHIKI, 2012).

Dois anos mais tarde, em 1998, disponibiliza o seu próprio site na internet, utilizado-o como veículo para divulgação de seus textos e seminários. Essa empreitada do autor com as redes sociais ganhou uma nova camada em 2002, quando fundou o Mídia Sem Máscara, a partir da proposta de oferecer um observatório online das mídias brasileiras. Nessa segunda metade da década de noventa, também, Olavo de Carvalho fortalece sua notoriedade pública ao travar batalhas contra a ascensão política dos Partidos dos Trabalhadores (PT), aliando seu discurso anticomunista com o momento político.

Enquanto isso, Olavo de Carvalho segue como colunista dos jornais *O Globo* e *Zero Hora* e das revistas *Época* e *Bravo!*. Em 2005, o autor é contratado pelo *Diário do Comércio*, que pertence à Associação Comercial de São Paulo, representada pelos empresários e comerciantes de São Paulo que defendem uma

---

[5] ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. Olavo de Carvalho. Curriculum Vitæ, 2005. op. cit
[6] ASMAR, M. Curriculum Vitæ de Olavo de Carvalho. 2016
[7] ASMAR, M. Curriculum Vitæ de Olavo de Carvalho. 2016

livre iniciativa na economia (PATSCHIKI, 2012). Olavo de Carvalho permaneceu durante anos no *Diário do Comércio*, mesmo após ter sido demitido das demais revistas e jornais para as quais trabalhava.

Em 2005, inclusive, deixou o Brasil e mudou-se para os Estados Unidos, passando a morar no estado da Virgínia, mas, ainda sim, preservou o vínculo com o *Diário do Comércio,* atuando como correspondente brasileiro nos EUA para o jornal. O visto concedido para o autor nesse período foi o da categoria EB1, caracterizado por ser direcionado para profissionais com habilidades extraordinárias no atletismo, educação, negócios, artes ou ciência[8]. Enquanto nos EUA, funda o *The Inter-American Institute for philosophy, government, and social thought* (PATSCHIKI, 2012), com o objetivo de traduzir para os estudantes estadunidenses o trabalho feito nos *Seminários de Filosofia*. Embora fosse composto por diversos pesquisadores e intelectuais públicos conservadores de destaque, o instituto acabou não avançando como um *think tank.*

Já no Brasil, em 2009, foi inaugurado o Instituto Olavo de Carvalho, em Curitiba, sob a proposta de oferecer cursos formativos aos membros mensalistas. Assim, mediante assinatura e pagamento, os interessados poderiam usufruir de cursos de línguas, poesia, filosofia, história, cultura e outras diversas áreas do conhecimento. Em 2011, inaugura outro empreendimento cultural: a livraria virtual do Seminário de Filosofia[9], que diferenciava-se das demais por contar com a curadoria exclusiva de Olavo de Carvalho (PATSCHIKI, 2012).

Ainda que estivesse sem produzir obras literárias de grande número de vendas nesse período de sua trajetória, Olavo de Carvalho permanece como um intelectual público brasileiro através de suas redes sociais e blogs (ROCHA, 2018). O autor, nesse sentido, soube aproveitar a ascensão das redes sociais para manter-se relevante no no cenário e público brasileiro através, primeiramente, do Orkut, e posteriormente de outras redes sociais, assunto que será discutido mais à frente.

Em 2013, publica uma nova obra, intitulada "*O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota",* que consiste em uma coletânea de artigos produzida por Olavo de Carvalho entre os anos de 1997 e 2013. Esse lançamento devolve ao autor

---

[8] O que é um visto EB1? Disponível em: <https://terralawyer.com/services/visto-eb1/>.

[9] LIVRARIA SEMINÁRIO DE FILOSOFIA; CEDET. Quem somos. Disponível em: <http://livraria.seminariodefilosofia.org/sobre-o-site/informacoes-gerais/quem-somos.html>.

uma posição na lista de best-sellers brasileiros[10]. Assim, apesar de, em 2017, ter se envolvido em uma polêmica familiar que gerou grande repercussão na mídia, sendo acusado por Heloísa de Carvalho, uma de suas filhas, de abusivo e descontrolado[11], Olavo de Carvalho não perdeu sua popularidade em nenhum momento da década de 2010. Em 2018, inclusive, ano de disputa eleitoral, OC tornou-se um dos maiores intelectuais a apoiar a eleição do candidato Jair Bolsonaro. Este, que se tornaria o vencedor da disputa e presidente do Brasil, apoiou-se fortemente nos ideais conservadores de direita que animavam o discurso de Olavo de Carvalho, mobilizando-os durante sua campanha (DUNKER, 2018).

Olavo de Carvalho faleceu em 2022, vítima de insuficiência respiratória aguda. O autor que discursava contrariamente às medidas protetivas contra a Covid-19[12] foi infectado pelo vírus dias antes de falecer, fato que fez de seu falecimento um evento marcado por polêmicas e disputas. Olavo de Carvalho deixou a esposa Roxane, oito filhos e dezoito netos[13].

## 2.2 Percurso de Marilena Chauí

Filha do jornalista Nicolau Alberto Chauí e da professora Laura de Souza Chaui, Marilena de Souza Chauí nasceu em São Paulo, em 4 de setembro de 1941. O primeiro contato de Chauí com o que viria a se tornar sua profissão, a filosofia, se deu no primeiro ano do colegial, no Colégio Presidente Roosevelt, um dos melhores do país na época, onde cursou os anos finais de sua formação escolar. Foi, mais especificamente, durante as aulas ministradas pelo professor João Villalobos que o interesse de Marilena Chauí pela filosofia despertou. Diante da exposição de autores como Heráclito e Parmênides, a autora relata que passou a nutrir um fascínio pela disciplina. Tratou-se de uma experiência, afinal, que permitiu-lhe presenciar "pela primeira vez e em estado puro, o pensamento funcionando" (2011).

---

[10] “Olavo de Carvalho tem contrato de best-sellers não renovado por editora” Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/olavo-de-carvalho-tem-contrato-de-best-sellers-nao-renovado-por-editora-1.2519860>.

[11] Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/em-carta-aberta-devastadora-filha-de-olavo-de-carvalho-acusa-o-pai-de-colocar-arma-na-cabeca-dos-seus-filhos/>.

[12] MENDES. S. RELEMBRE AS VEZES EM QUE OLAVO DE CARVALHO MINIMIZOU A PANDEMIA E A COVID <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/relembre-as-vezes-que-olavo-de-carvalho-minimizou-a-pandemia-e-a-covid/>.

[13]Olavo de Carvalho morre aos 74 anos. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/01/25/morre-olavo-de-carvalho.ghtml>.

Esse conhecimento, por sua vez, foi fundamental por lhe apresentar o próprio "trabalho do pensamento": um processo intelectual capaz de operar em um registro que "destrói todas as certezas visíveis, imediatas". Para a jovem estudante, essa descoberta foi tão fascinante quanto espantosa. Nesse mesmo período, além da filosofia, Marilena Chauí aprofundou-se em outras disciplinas e formas de conhecimento que alicerçaram a sua formação intelectual. Sobretudo por meio da leitura de clássicos como Cícero e Virgílio, as aulas de latim foram responsáveis por incutir-lhe uma "extrema sensibilidade para questões de linguagem". Além disso, no campo historiográfico, a leitura das obras de Caio Prado Jr. provocou em Chauí uma "verdadeira revolução", marcando profundamente sua descoberta e compreensão da História do Brasil[14].

No ano de 1960, Marilena Chauí inicia sua trajetória acadêmica ao matricular-se na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), como graduanda do curso de filosofia. Na universidade, entrou em contato com diversos renomados e célebres nomes da filosofia, como Gérard Lebrun e Bento Prado. De acordo com a própria Marilena Chauí, esses intelectuais foram exemplares para sua formação, responsáveis por aprofundar o seu interesse pela disciplina. Em 1965, Chauí concluí a graduação e, logo em seguida, inicia o seu mestrado na pós-graduação da FFLCH, conciliando a jornada de estudos com a sua primeira experiência como docente, no Colégio Estadual Alberto Levy.

O período durante o qual atuou como professora do ensino público é descrito por Marilena Chauí com extremo gosto.

> Nesse quadro, próprio de uma verdadeira escola pública, vocês podem imaginar que dar aula de filosofia “era sopa”, como se dizia na minha juventude. Na verdade, era um prazer e uma alegria, pois os alunos, sobretudo os do curso clássico, eram cultos, cultivados e interessados. Para os dois cursos, no primeiro ano, eu dava introdução à lógica e à psicanálise; no segundo ano, para o científico, dava filosofia das ciências e, para o clássico, história da filosofia, que prosseguia no terceiro ano. Como não havia livros de introdução à filosofia em português, as aulas tinham que suprir a bibliografia, mas era possível, em determinados momentos, indicar um texto em francês, inglês ou espanhol, que os alunos liam sem dificuldade e com interesse, o que suscita dúvidas, perguntas e debates. (Silveira e Santiago, 2016)

Em 1967, obtém o seu diploma de mestrado e, no mesmo ano, é admitida como professora na universidade, passando a compor o corpo docente da FFLCH.

---

[14] CHAUÍ, Marilena. Entrevista. Trans/Form/Ação, São Paulo, v. 5, p. 5-34, 1982.

Sob a orientação de Bento Prado Júnior, Chauí direcionou seus estudos para a compreensão das produções do filósofo fenomenológico francês, Maurice Merleau-Ponty. Ao final dos anos 1960, Chauí muda-se para França, onde vivencia intensamente a efervescência revolucionária do Maio de 1968 e acompanha a aula inaugural de Herbert Marcuse e os primeiros cursos de Michel Foucault e Gilles Deleuze, na Universidade Paris-VIII.

Marilena Chauí permanece dois anos como aluna da Universidade de Clermont-Ferrand e orientanda de Victor Goldschmidt, filósofo francês e historiador da filosofia. Junto dessa valiosa experiência, o contato pessoal e intelectual de Chauí com Claude Lefort revelou-se determinante para a maturação teórica da professora. O encontro de Chauí com Lefort permitiu-lhe superar a perspectiva puramente estruturalista na história da filosofia, que tendia a reduzir a análise à "monotonia" do próprio texto, e compreender a "natureza específica da coisa escrita", estabelecendo uma relação mais densa com o discurso filosófico.

Em 1969, ano de instauração do AI-7[15] e de intensa movimentação política, Marilena Chauí retorna ao Brasil para encontrar um cenário de censura e lutas promovido pela ditadura. Nesse contexto, a USP tornou-se palco para debates e disputas em torno da democracia.

> [...] o movimento estudantil foi a força universitária efetivamente existente. Acho que devemos aos estudantes a existência da Faculdade. Ao mesmo tempo em que o esforço de alguns professores foi gigantesco, porque era o momento no qual você entrava para dar aula sabendo que havia na classe policiais, que o DOPS estava 1 km registrando. Sabíamos que havia microfones nas salas dos professores, que funcionários eram espiões, que havia “estudantes” encarregados de apresentar relatórios de nossas atividades. Sabíamos que os estudantes eram vigiados, que nossos passos, fora e dentro da Faculdade, eram vigiados. Trabalhávamos não sob tensão mas sob terror, e um terror ilocalizável, porque a repressão podia vir do colega (como veio para muitos), dos alunos (como veio para muitos), como podia vir de um desconhecido que tinha se plantado lá. Quantos professores foram presos, interrogados, por denúncias de estudantes? Perdemos a conta. Quantos professores foram expulsos por denúncias de colegas e quantos estudantes foram presos e torturados por denúncia de seus colegas? Perdemos a conta. Nenhum de nós sabia se haveria dia seguinte. (2011)

Com o endurecimento do regime militar e o desmantelamento provocado pelas cassações e pelos exílios, a sobrevivência do Departamento de Filosofia da USP passou a depender do esforço de um grupo reduzido de docentes, que passou

[15] <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-07-69.htm>.

a adotar novas abordagens educacionais para lecionar em um período de repressão política. Marilena Chauí, juntamente com Gilda de Mello e Souza e Maria Sylvia de Carvalho Franco, assumiu as atividades acadêmicas essenciais para preservar o debate intelectual e garantir a própria continuidade institucional do curso naquele período crítico[16]. Nesse contexto de resistência interna, entre 1970 e 1974, Chauí desenvolveu com os estudantes aquilo que denominou “experiências pedagógicas”, uma prática voltada à crítica do autoritarismo que utilizava a própria figura do professor em sala de aula como objeto de análise e de desconstrução das relações de poder[17]. Os docentes, nesse sentido, assumiram papeis importantes em um contexto marcado por profundas transformações na sociedade brasileira, criando, inclusive, grupos de apoio secretos para proteger indivíduos perseguidos pelo regime ditatorial.

Além do plano institucional, Gilda de Mello e Souza desempenhou um papel decisivo, fundando a revista Discurso, que permitiu a continuidade e manutenção da produção teórica do departamento e, de forma mais específica, fortaleceu a formação de Marilena Chauí como autora. A filósofa relata que aprendeu com Souza sobre o rigor estilístico e as especificidades do texto filosófico; ao corrigir seus primeiros artigos, Gilda de Mello e Souza a ensinou pacientemente a “escrever o escrito” (2011) Já com Maria Sylvia Franco, nos anos 1980, Marilena Chauí desenvolveu o projeto e introduziu o curso de Filosofia Medieval e Renascentista no Departamento de Filosofia, preenchendo uma lacuna que existia desde a fundação da Universidade e rompendo com a tradição iluminista e positivista da instituição, que tendia a evitar trabalhar questões teológicas e religiosos.

Durante o período de redemocratização, ocorreu a 29ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) (MATOS, 2017). Nesse evento, Marilena Chauí proferiu uma palestra magna, que contribuiu para elevar a visibilidade do Departamento e apresentar as inovações que haviam instaurado no período autoritário, influenciado várias outras universidades. Além disso, entre 1989 e 1992, Chauí ocupou o posto de secretária da cultura da cidade de São Paulo, que estava sob a administração da prefeita Luiza Erundina, do Partido dos Trabalhadores (PT). Esse intervalo de tempo marcou um ponto significativo nos

[16] CHAUI, Marilena. Entrevista. Trans/Form/Ação, 1982
[17] SANTIAGO, Homero Silveira; SILVEIRA, Paulo Henrique Fernandes. Percursos de Marilena Chaui. Educação e Pesquisa, 2016.

cinco séculos de história do país e da cidade, consistindo na primeira vez que um partido de esquerda assumiu o governo municipal e promoveu a Cidadania Cultural, projeto que defende o direito à cultura como universal, sem distinções ou exclusões.

Neste período, emergiram quatro perspectivas fundamentais para a proposta da Cidadania Cultural. Inicialmente, destacou-se uma abordagem ampla da cultura, seguida por uma visão política democrática da cultura. Adicionalmente, houve uma concepção da cultura como trabalho de criação, entendendo-a como uma ação que gera algo novo pela transformação do existente, provocando mudanças em nossas experiências imediatas. Por fim, houve a definição dos sujeitos sociais como sujeitos históricos, conectando o trabalho cultural ao trabalho da memória social e enfatizando as contradições que moldam a história de uma sociedade. Assim, Marilena Chaui, sob a gestão da prefeita Luiza Erundina, rompeu com abordagens convencionais sobre a cultura por parte do Estado, promovendo uma visão mais inclusiva e democrática.

Marilena Chauí recebeu diversos prêmios e honrarias[18] ao longo de sua carreira, que, vale ressaltar, é reconhecida e validada por diversos agentes do pólo erudito. Em 1981, a professora recebeu o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) pelo seu trabalho em Cultura e Democracia. Em 1992, ela foi condecorada com a Ordem das Palmas Acadêmica pela Presidência da República da França e com a Ordem de Honra ao Mérito pela Política do Livro, concedida pela Câmara Brasileira do Livro, por seu envolvimento nas bibliotecas públicas municipais de São Paulo. Em 1994, Chauí conquistou o Prêmio Jabuti por seu livro "Convite à filosofia". Em 1995, a intelectual recebeu a Ordem do Mérito do Ministério da Educação e Cultura da República Árabe Síria em reconhecimento aos seus serviços prestados à cultura árabe e brasileira.

No ano de 1998, Chauí foi homenageada com o Colóquio Nacional Liberdade e Democracia. Em 1999, a autora recebeu o Prêmio Sergio Buarque de Holanda da Biblioteca Nacional por seu trabalho intitulado "A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa" (vol. 1), e, no ano seguinte, o Prêmio Jabuti para a mesma obra. Em 2002, foi homenageada com o Colóquio "Lire Spinoza depuis les questions

[18] BREGANTINI, Daysi (Org.). Marilena Chaui: pensamento, afetos e análise da obra. São Paulo: Cult, 2020. 136 p.

de la plèbe et de la multitude", realizado na Universidade Paris 8, na França, e, em 2003, recebeu pela mesma universidade o título de Doutora Honoris Causa.

Em 2004, Marilena Chauí foi agraciada com o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Nacional de Córdoba e pela Universidade Nacional de San Juan, ambas situadas na Argentina. Em 2005, a autora foi homenageada no Colóquio Internacional "Spinoza: indivíduo e multitudine", que foi realizado na Universidade de Bologna, na Itália. Em 2008, recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal de Sergipe. Em 2011, foi homenageada com o Colóquio Internacional "Republicanismo° e Democracia", na FFLCH-USP. Finalmente, em 2018, Marilena Chaui conquistou o Título de Professora Emérita pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, bem como o Prêmio Jabuti por seu trabalho "A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa" (vol. 2), e o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade de Brasília.

A trajetória de Chauí é, portanto, marcada por inúmeras conquistas e reconhecimentos. Enquanto filósofa, sua identidade constroi-se a partir de escolhas que entrelaçam inquietações existenciais e posicionamentos políticos. A eleição de Spinoza como autor central não foi apenas acadêmica, mas motivada por uma busca pessoal para resolver o dilema imposto por sua formação "católica ultramontana": o problema da culpa atrelada à liberdade. A partir da filosofia de Spinoza, Chauí encontrou a possibilidade de conceber uma "liberdade sem culpa", permitindo-lhe romper com o universo cristão no qual autores como Hegel ainda a manteriam presa. No campo político, por outro lado, sua relação com o marxismo foi marcada pela recusa à ortodoxia. Chauí relata nunca ter conseguido aderir plenamente ao "marxismo ortodoxo" (fosse estalinista ou trotskista), sentindo-se bloqueada pela segurança dogmática e pelo autoritarismo dessas vertentes.

Ao longo de sua carreira, nesse sentido, influenciada pelas leituras de Merleau-Ponty e, decisivamente, pelo contato com Claude Lefort, que lhe permitiu encarar o "horror do autoritarismo de esquerda" e ler Marx sem transformá-lo em religião, a filósofa buscou uma via alternativa para trabalhar questões políticas e marxistas. Essa postura crítica reverbera sua práticas e posicionamentos futuros, sobretudo em suas experiências no Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC), onde passou a compreender a ação democrática não como tutela de uma

vanguarda, mas como uma "invenção democrática" pautada na criação e afirmação de novos direitos pela própria sociedade[19].

[19] CHAUÍ, Marilena. Entrevista. Trans/Form/Ação, São Paulo, v. 5, p. 5-34, 1982. (Para os trechos sobre Spinoza, catolicismo, marxismo ortodoxo e Lefort) e SANTIAGO, Homero Silveira; SILVEIRA, Paulo Henrique Fernandes. Percursos de Marilena Chaui: filosofia, política e educação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 259-277, 2016. (Para os trechos sobre a invenção democrática e criação de direitos).

## Parte 3: Suportes de publicação e difusão de ideias

Neste capítulo, examinaremos os veículos de publicação e divulgação de pensamento que Olavo de Carvalho utilizou para propagar suas ideias em cada uma das etapas de sua carreira. A partir de 1967, exercendo o ofício de jornalista e redator em diversos meios de comunicação, Olavo de Carvalho utilizou-se dos jornais e das revistas para difundir suas ideias e opiniões. Esse veículo guiou e acompanhou boa parte de sua jornada intelectual, oferecendo-lhe espaço para expor seus trabalhos como colunista, redator e editor de texto. Uma década mais tarde, em 1977, quando começa sua transição de carreira para a astrologia, passa a ministrar suas primeiras palestras e publicar suas primeiras obras completas.

A primeira delas, intitulada "*Questões de simbolismo astrológico"*, lançada em 1983, foi seguida de mais duas publicações, "*Universalidade e abstração"* e "*O crime da Madre Agnes, ou: a confusão entre espiritualidade e psiquismo*". As três obras discorriam sobre questões de astrologia e foram publicadas pela Editora Speculum[20]. Posteriormente, em 1985, lança mais livros sobre o mesmo tema e também se torna editor, redator e tradutor de apostilas sobre astrologia (PATSCHIKI, 2012, p. 29), profissionalizando-se no ramo da escrita literária. Seus dois últimos livros sobre o tema foram lançados pela Editora Nova Stella.

Alguns anos mais tarde, no final da década de 1980, OC transiciona mais uma vez de carreira, passando a atuar publicamente enquanto intelectual da área de filosofia, autodenominando-se filósofo. Eis o momento de sua trajetória que mais nos interessa. Nesse momento, Olavo de Carvalho intensifica a divulgação de seus pensamentos por meio de seus livros, cursos e seminários sobre filosofia. Em 1989, mais especificamente, Olavo de Carvalho lança o *Seminário de Filosofia*, projeto que desenvolvia presencialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Com efeito, o *Seminário de Filosofia* foi um dos passos mais importantes dados pelo autor para conseguir se afirmar não somente como intelectual, mas também como *professor de filosofia.*

Com cursos à vendas até os dias atuais, o *Seminário de Filosofia* de Olavo de Carvalho tem como uma de suas características mais emblemáticas o seu público-alvo ser composto, de maneira geral, por um pessoas leigas em filosofia,

---

[20] Curriculum Vitæ de Olavo de Carvalho Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/wp-content/uploads/2018/07/Olavo-de-Carvalho-Curr%C3%ADculo.pdf>.

mas que desejem estudar a disciplina em um cenário outro que o acadêmico. Essas características definem a clientela de Olavo de Carvalho.

> Muitas pessoas escrevem perguntando o seguinte: “eu quero entrar no curso mas eu quero saber se é possível acompanhar o curso do estado que está, que conhecimento precisaria ter, etc etc.´” Essa pergunta é desnecessária pelo seguinte: primeiro a filosofia tem uma estrutura necessariamente circular e não linear; nós voltamos sempre os mesmo problemas (...) portanto faz entrar aqui ou ali você está sempre no começo está sempre no fim (...) eu concebi este curso para que qualquer um pudesse entrar a qualquer momento. De modo que acompanhar a aula presente e, ao mesmo tempo, vocês seguindo as aulas pela ordem vai sempre dá certo, eu garanto a você (...) Que conhecimento anterior precisa ter? Nenhum, de preferência nenhum, se você não sabe absolutamente nada, você é meu aluno ideal. Pelo menos você não vem com a cabeça cheia (...) de julgamento pré-concebido. Se você se acha burro excelente, é uma grande qualidade. Sentir-se burro permanentemente é uma garantia de que você vai tentar tornar um pouco mais inteligente (Olavo de Carvalho em vídeo transcrito)[21] (2012)

Essa fala de Olavo de Carvalho evidencia que o autor desejava ampliar sua clientela ao máximo, acolhendo alunos com ou sem conhecimento prévio em relação à disciplina e, mais do que isso, incentivando fortemente aqueles que nunca haviam entrado em contato com a filosofia a participar de seu *Seminário de Filosofia,* definindo-os, inclusive, como alunos ideais. Durante esses anos, Olavo de Carvalho ministrou seus seminários e produziu textos que, posteriormente, viriam a ser incorporados ou transformados nos livros que inauguraram sua carreira na filosofia e política. O primeiro desses livros, intitulado “*Símbolos e mitos no filme ‘O silêncio dos Inocentes’”*, consiste em um ensaio filosófico publicado em 1992 pela editora Stella Caymmi sobre o filme “*O silêncio dos Inocentes”.* Ainda no mesmo ano, também pela mesma editora, OC publica mais um livro de filosofia. Durante esse período em que esteve profundamente engajado no seu *Seminário de Filosofia* e na publicação de livros, Olavo de Carvalho distanciou-se da carreira pública e minimizou suas aparições em jornais e revistas.

Tabela 1: Publicações listadas na seção de “Artigos” em seu blog.

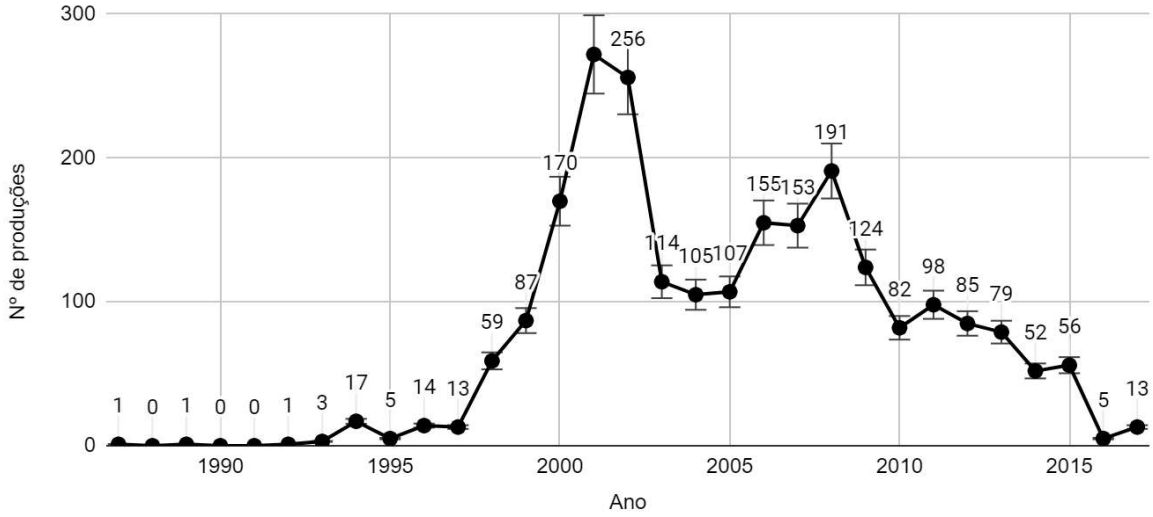
| Ano | Nº de Produções | Observação |
|---|---|---|

[21] Vídeo disponível em: <https://olavodecarvalho.org/o-seminario-de-filosofia/>.

| | | |
|---|---|---|
| 1987 | 1 | Trechos de entrevistas, apostilas, capítulos de livros. |
| 1988 | 0 | |
| 1989 | 1 | |
| 1990 | 0 | |
| 1991 | 0 | |
| 1992 | 1 | |
| 1993 | 3 | |
| 1994 | 17 | |
| 1995 | 5 | |
| 1996 | 14 | |
| 1997 | 13 | Um artigo publicado na revista Bravo! |
| 1998 | 59 | Artigos publicados no *Jornal da Tarde*, *Ternuma*, *O Globo*, *Zero Hora*, *Época.* |
| 1999 | 87 | Grande maioria listada propriamente como artigo e publicados no Diário do Comércio de São Paulo |
| 2000 | 170 | |
| 2001 | 272 | |
| 2002 | 256 | |
| 2003 | 114 | |
| 2004 | 105 | |
| 2005 | 107 | |
| 2006 | 155 | |
| 2007 | 153 | |
| 2008 | 191 | |
| 2009 | 124 | |
| 2010 | 82 | |
| 2011 | 98 | |
| 2012 | 85 | |
| 2013 | 79 | |
| 2014 | 52 | |
| 2015 | 56 | |
| 2016 | 5 | |
| 2017 | 13 | |
| | **Total 2318** | |

Fonte: olavodecarvalho.org/, setembro de 2022.

Figura 1: Produções listadas na categoria de artigos em seu blog (incluindo trechos de livros, entrevistas, apostilas e outros tipos de produção)




Fonte: Levantamento próprio, realizado para o desenvolvimento dessa dissertação

Entre 1993 e 1998, Olavo de Carvalho publicou um total de nove obras. Dentre essas, destacam-se os livros da trilogia, sua principal produção: *"A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci", "O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César - Ensaio sobre o materialismo e a religião civil" e "O Imbecil Coletivo: Atualidades inculturais brasileiras".* Essas obras foram publicadas, respectivamente, pelo *Instituto de Artes Liberais e Stella Caymmi Editora,* pela *Editora Diadorim e* pela *Faculdade da Cidade Editora.* A última, também nomeada *UniverCidade,* foi a escolhida por Olavo de Carvalho para a publicação de suas obras posteriores.

Nesse sentido, até este momento, os meios de divulgação utilizados por Olavo de Carvalho são basicamente presenciais e físicos. No entanto, em 1981, a internet chega ao Brasil e, embora sua comercialização tenha sido iniciada apenas em 1994, em 1996 já havia se tornado um veículo popular entre os brasileiros (CARVALHO, 2006). Nesse contexto, OC reconhece um novo meio para disseminar informações e junta-se às 400 milhões de pessoas que, entre os anos 1995 e 2001, haviam se tornado usuárias da internet (EDOARDO, p. 18, 2020). Diante desse cenário, Olavo de Carvalho dá mais um passo rumo à popularização de suas ideias e, em 1988, lança o seu blog, nomeado *Sapientiam autem non vincit malitia* (PATSCHIKI, 2012).

Apropriando-se dessa ferramenta, Olavo de Carvalho torna-se um usuário cada vez mais frequente e contínuo da internet, utilizando-a para divulgar seus

trabalhos, leituras, trechos de entrevistas e capítulos de livros, além de, claro, para propagandear seus cursos de filosofia. Assim, chegando aos anos 2000, Olavo de Carvalho já possui certo reconhecimento no Orkut, rede social que era utilizada em sua maioria por brasileiros. Na plataforma, havia diversas comunidades (nome atribuído àquilo que atualmente chamaríamos de grupos) dedicadas para o autor, algumas que o defendiam e valorizavam seus pensamentos, outras que criticavam e rejeitavam suas ideias. Olavo de Carvalho, entretanto, não participava pessoalmente de nenhuma dessas comunidades (ROCHA, 2018) e, apesar disso, continuava influente no meio. Essa contradição serviu para demonstrar-lhe que as redes sociais seriam espaços férteis para a disseminação de seus pensamentos. Assim, em 2002, OC inicia sua segunda empreitada com as mídias digitais, divulgando o site jornalístico Mídia sem Máscara, que tinha como propósito servir como um observatório online das mídias brasileiras.

A primeira conta de Olavo de Carvalho em rede social a possuir selo de verificação[22] foi o seu canal no YouTube[23], que havia sido criado em junho de 2007 para divulgação de suas aulas do curso de filosofia. Atualmente, esse perfil é utilizado para publicação de trechos de aulas, entrevistas, debates e declarações de Olavo de Carvalho. É interessante relatar que, ainda no âmbito das redes sociais, a primeira página do autor no *Twitter*, datada de 2009, não foi criada por ele, mas sim por seus seguidores, possuindo mais de 700 mil seguidores. O mesmo ocorreu para o Instagram, plataforma que foi criada em 2010 e popularizada em 2012[24]. A conta mais antiga de Olavo de Carvalho nessa rede, de 2014, possui cerca de um milhão de seguidores, e, na verdade, foi criada por um seguidor, que publica frases, pensamentos e trechos do autor. A sua conta pessoal, que possui o selo de verificação, por sua vez, é de 2018 e possui apenas 592 mil seguidores e 592 publicações. A grande maioria dessas publicações consiste em uma divulgação de pequenos trechos e frases de autoria de Olavo de Carvalho, além de anúncios de promoções em sua loja de cursos.

---

[22] Trata-se de um comprovante de autenticidade fornecido pelas redes sociais, que comprovam que a conta é de verdadeira posse de quem diz ser.
[23] KLEINA, Nilton. A história do Youtube, a maior plataforma do mundo. Tecmundo, 11 de jul. De 2017.
[24] Site de compartilhamentos de vídeos. Ver AGUIAR, Adriana. Instagram: Saiba tudo sobre essa rede social. Rock Content, 17 de ago. de 2018. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/instagram>.

**Mídias digitais (05/10/20)**

**Blog pessoal**

*Sapientiam autem non vincit malitia*
http://olavodecarvalho.org/
Lançado na internet em maio de 1998, (PATSCHIKI, 2012)

**Canal no Youtube**

Criado em 7 de Julho de 2007, vídeo mais antigo publicado (que ainda está no ar) em 2015.
Total de 61.810.736 visualizações. 995 mil inscritos.

**Instagram**

1. @opropriolavodecarvalho – Conta oficial verificada
Criada em 27 de junho de 2018
Publicação mais antiga: 27 de junho de 2018
592 seguidores. 592 publicações

2. @olavodecarvalho - Conta administrada por um seguidor (possui mais seguidores que a oficial):
Criada em 19 de julho de 2014
Publicação mais antiga (ainda no ar) 6 de novembro de 2014
1 milhão de seguidores. 2222 publicações.

**Twitter** (Perfil não verificado)

1. @opropriolavo - Indicado pelo perfil oficial no Facebook
Criada em novembro de 2014 – 487,9 mil seguidores

2. @OdeCarvalho (Perfil não-oficial) (possui mais seguidores)
Criada em junho de 2009 – 723 mil seguidores

**Facebook** (Perfil verificado)

facebook.com/olavo.decarvalho
Seguidores: 591.639

**Orkut**

De acordo com Rocha (2018), comunidades sobre Olavo de Carvalho, a favor e contra seu pensamento existiam de maneira vasta no Orkut, mas somente existia o debate sobre ele, sem a presença do mesmo nas comunidades.

**Site pessoal**

http://olavodecarvalho.org/

Lançado na internet em maio de 1998, (PATSCHIKI, 2012)

Mídia sem Máscara: Site criado em 2002, tendo seu foco voltado para a observação da mídia. Primeira publicação em 8 de agosto de 2002.

## Parte 4: Hipóteses e problemas gerais

Para examinar a posição ocupada por Olavo de Carvalho, enquanto produtor de conteúdo e intelectual, em um mercado de reações (RODRIGUES, 2018) e, paralelamente, compreender as relações que o autor estabelece com a sua clientela, tomei em consideração o campo de produção de bens simbólicos (BOURDIEU, 2003) a partir dos dois pólos que o constituem: o erudito e o da indústria cultural, ou, também nomeado, pólo ampliado. A diferença primária entre os dois é exprimida pelas dinâmicas tecidas entre destinatários e produtores dos bens culturais (*idem*). Enquanto o pólo erudito concentra em si os próprios produtores de bens culturais, em grande parte membros ativos da academia, a indústria cultural alimenta uma clientela destituída de capital cultural, principalmente na temática política, e, portanto, destina a sua produção para não-produtores.

Para Bourdieu (*ibidem*), o conceito de valor simbólico define um processo que ocorre mediante a construção de sistemas simbólicos intricados e a elaboração de símbolos meticulosamente organizados, que permeiam as interações culturais, gerando um significado da realidade. Para o autor, ademais, a estrutura social é um intrincado sistema hierárquico de poder que estabelece-se a partir de uma estrutura de classes (BOURDIEU, 1974). Considerando tais definições, podemos, ao adotar a ideia de que o sistema de produção simbólica se estrutura em torno da oposição entre pólo restrito e o ampliado, examinar as especificidades do papel desempenhado por Olavo de Carvalho como possível produtor de conteúdo e intelectual do pólo ampliado.

Enquanto jornalista e professor (RODRIGUES, 2018) de ofício, isto é, sem ensino superior, que passa a angariar alunos e seguidores mediante a promoção de cursos de filosofia, Olavo de Carvalho participa da disputa pela legitimidade da produção de bens culturais a partir do pólo ampliado. É fundamental ressaltar que, apesar de situar-se no mercado da indústria cultural, o autor disputa a sua clientela com jornalistas-professores e professores-jornalistas. Estes, entretanto, originalmente membros da academia e produtores do pólo erudito, passam a compor o pólo ampliado de produção de bens simbólicos em tentativa de dominar um público não homogeneizado e massificado (*idem*).

Olavo de Carvalho, que de acordo com Rodrigues (2018), situa-se no espectro da extrema direita, teria encontrado sua clientela nesse público, que não encontrava

nos produtores culturais do pólo erudito representantes do pensamento de extrema direita. Essa clientela, também chamada pelos termos seguidores ou alunos, a depender do tipo de relação que nutre com um produtor de conteúdo, possui características particulares, que se mantém independentemente do vocativo utilizado para mencioná-la. Trata-se do *déficit de capital cultural* e do desejo, simultâneo, de participar ativamente das esferas de discussão política. Compreendendo a prevalência desse interesse apesar da lacuna de conhecimentos, Olavo de Carvalho coloca-se no lugar de produtor de uma variante do pólo erudito no campo cultural, comercializando versões adaptadas de produções do pólo erudito. Nesse movimento, gera um produto cultural menos requintado e mais vendável (RODRIGUES, 2018, p. 292), suprindo as demandas de um público que deseja consumir conteúdo político e transformando-o em sua clientela.

Os vídeos e aulas disponibilizados por Olavo de Carvalho em suas redes sociais configuram um dos elementos mais relevantes dessa análise. Tanto os vídeos como as aulas e os debates revelam-se produtos de uma confecção simplificada. Muitos deles, inclusive, gravados na própria casa do autor, com pouco ou quase nenhum rigor audiovisual. Para Goffman (1959), que discute as formas de interpretação de papéis sociais por um indivíduo, as relações entre pessoas são sempre desenvolvidas a partir do estabelecimento de posições e condutas específicas. Para agir de acordo com tais papéis, posições ou condutas, a pessoa define uma série de recursos ou instrumentos, e os aplica no exercício de sua função. Os utensílios mobilizados e padronizados pelo ator durante sua interação com seus espectadores são denominados “fachada”.

As fachadas podem ser pessoais, representações coletivas e cenários. A primeira compreende a aparência do ator e a maneira como se comporta, como, por exemplo, de forma agressiva ou arrogante. A parte externa, referente ao cenário, por sua vez, engloba o equipamento expressivo utilizado pelo sujeito, ou seja, arranjo de objetos, luz e o local em que o ator se comunica. Olavo de Carvalho, nesse sentido, desempenha um papel quando em interação com a sua clientela, mobilizando recursos e instrumentos específicos e estruturando-os de acordo com os seus próprios interesses para comunicar seus pensamentos de modo mais eficiente. Refletindo a partir dos conceitos de Goffman, observamos que o escritório no qual OC grava seus vídeos e aulas, que são disponibilizados em baixa resolução, está frequentemente “bagunçado”. Este cenário faz-se como uma fachada que auxilia a

demonstrar que, assim como o espaço em que se situa, o autor/ator constrói-se em oposição ao padrão dos intelectuais do pólo erudito. Além disso, em todo o trabalho de OC nas mídias digitais é possível notar um apelo (contraditório, de certa forma) às plataformas “anti-modernas”, como o seu blog e Instagram, no quais publica textos simples com pouca edição ou meros *printscreen.* É notável, nesse sentido, uma baixa profissionalização de seus portais online, suas redes sociais e sites.

Juntos, esses elementos fabricam/montam um intelectual rústico (GOFFMAN, 1959) que forja e apropria-se dessa qualidade para legitimar-se contra o pólo erudito da produção cultural e distinguir-se dos demais produtores de bens simbólicos. Em sua tese, que se intitula "*Diários públicos: Facebook, imagens e a ficcionalização do cotidiano”,* Laysmara Edoardo (2018) discorre sobre um movimento, que tomou forma sobretudo entre os anos de 2013 e 2018, de aprimoramento da capacidade e ampliação da qualidade do uso das redes sociais por parte dos usuários.Ao longo do tempo, as redes sociais passaram a ganhar cada vez mais popularidade, tornando-se as fontes centrais de comunicação e disseminação de informação entre pessoas públicas e suas respectivas audiências. Esse processo impulsionou um movimento de profissionalização do trabalho desenvolvido e disponibilizado em plataformas digitais, demandando uma entrega mais qualificada por parte dos produtores. Empresas de administração de perfis, contratação de equipes fotográficas e redatores para as publicações ganharam extrema força durante estes anos. É interessante observar que, apesar disso, e mesmo que Olavo de Carvalho tenha aberto suas contas no Instagram e Twitter justamente nessa época (o período entre os anos de 2013 e 2018), as redes sociais do autor demonstram nitidamente sua escolha em caminhar no sentido contrário do movimento, adotando um perfil amador e produzindo conteúdos em baixa qualidade.

Em oposição à Olavo de Carvalho, os demais intelectuais que desempenham papéis no ramo de jornalistas-professores e professores-jornalistas (RODRIGUES, 2018) e disputam uma clientela, como, por exemplo, Luiz Felipe Pondé, Rodrigo Constantino e Reinaldo Azevedo, valem-se de cenários bem estruturados e instrumentalizados, com microfones e câmeras profissionais, para produção do conteúdo que divulgam em suas redes sociais, que, por sua vez, são altamente profissionalizadas. Em relação ao Instagram, mais especificamente, Laysmara Edoardo (2018) aponta outro traço que distingue Olavo de Carvalho dos demais intelectuais do meio. Trata-se de uma indisponibilidade para compartilhar de maneira

irrestrita os bastidores de sua vida pessoal. Conforme apresenta Edoardo (2018), o Instagram tende a centralizar a imagem do comunicador, fazendo de seu perfil uma espécie de cartão de visitas de sua vida profissional e pessoal, e concedendo ao intelectual, usuário e criador de conteúdo, um aspecto de celebridade ou webcelebridade. Olavo de Carvalho, entretanto, se esquiva dessa tendência e não se encaixa no perfil traçado para os demais intelectuais. No perfil do autor encontram-se poucos vídeos ou fotografias que retratam seu cotidiano e vivências pessoais, prevalecendo trechos, frases e excertos extraídos de obras do autor ou de pessoas e intelectuais que admira.

Considerando essas particularidades, propus-me a analisar a disputa pela transferência da legitimidade da produção de bens simbólicos do pólo erudito para o pólo ampliado. Persegui, portanto, os seguintes questionamentos: 1) como se dá a disputa pela legitimidade da produção cultural travada por Olavo de Carvalho? 2) quais instrumentos são utilizados pelo autor para de conquistar e exercer esta legitimidade? Para tentar respondê-los, realizei um mapeamento autoral das três obras que compõem sua trilogia - "*A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci*" (1994); "*O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César - Ensaio sobre o materialismo e a religião civil"* (1995); "*O Imbecil Coletivo: Atualidades inculturais brasileiras*" (1996) - e um levantamento dos autores citados por Olavo de Carvalho nas produções e escritos divulgados em seu blog. O propósito dessa empreitada foi o de identificar os nomes de pessoas e intelectuais em cujas produções Olavo de Carvalho se apoia para defender seus argumentos particulares e, também, o de conhecer seus adversários declarados, alvos do embate pela legitimidade da produção da cultural e pela deslegitimação do pólo erudito/acadêmico.

A partir da identificação dos nomes reiteradamente mencionados por OC com o intuito de desqualificar o pólo erudito - nomes de intelectuais associados à academia - estabeleci e aprofundei a análise da seguinte hipótese: o movimento desqualificação das universidades públicas e invalidação de suas produções, que se estrutura por meio do ataque direto à figuras e intelectuais a ela relacionados - acadêmicos e participantes do pólo erudito - e dirige-se especialmente à Universidade de São Paulo (USP), definiria-se como um esforço para alterar a relação entre as forças do pólo expandido e do pólo erudito. Dentre os nomes levantados, selecionei quatro, compreendendo-os como os maiores alvos de Olavo

de Carvalho, aqueles que mais cita ou cita repetidamente em suas produções com o objetivo de conquistar para si a legitimidade da produção cultural, deslegitimando os intelectuais do pólo erudito. São eles: Herbert de Souza, também chamado de Betinho, Marilena Chauí, Emir Sader e Frei Betto. Sem exceção, todos os quatro possuem vínculo direto com universidades públicas e com a esquerda brasileira. Para Olavo de Carvalho, esse quadro expõe um cenário de hegemonia cultural de esquerda que domina as universidades brasileiras.

A análise desse conjunto de nomes favoreceu o processo de identificação dos recursos de disputa simbólica mobilizados e aplicados por OC em seus ataques à universidade e em seus movimentos de reivindicação da legitimidade da produção cultural por indivíduos situados fora do ambiente acadêmico. O excerto abaixo justifica a seleção desses nomes por trazê-los de modo associado ao principal argumento de Olavo de Carvalho contra a academia.

> Na imprensa cultural, então, está ainda em pé o Muro de Berlim. Será que **Sader** já viu, em algum suplemento, resenha de algum livro publicado pela Biblioteca do Exército, pelo Instituto Liberal ou por editora evangélica? E como explicar o silêncio total de que a imprensa cerca os notáveis congressos de filosofia dirigidos em São Paulo por Miguel Reale, no Rio por Tarcísio Padilha, comparado à ruidosa festividade com que celebra os happenings pseudo culturais em que os srs. Adauto Novaes, **Marilena Chauí** e tutti quanti gastam com futilidades o dinheiro público? Todo esse policiamento da opinião será obra da direita? (...) E obras propriamente conservadoras – na acepção correta da palavra – simplesmente não existem no mercado editorial brasileiro, o que permite que a esquerda, desinformando o público, explore à vontade a confusão entre neoliberalismo e conservadorismo. O **Sr. Sader** já viu alguma tradução de Roger Scruton, de Rama K. Coomaraswamy ou de Martin Lings, se é que já ouviu falar deles? (CARVALHO, 1996, pg. 292, grifo adicionado)

De forma bastante destacada, o autor discorre sobre a hegemonia de esquerda que regeria os espaços e as produções das universidades brasileiras, e consequentemente, do campo intelectual. Olavo de Carvalho, nesse sentido, adota tecer críticas às pessoas que participam deste campo enquanto seus membros como um recurso de desqualificação da universidade enquanto espaço legítimo de produção cultural. Esse recurso, por sua vez, mobiliza tanto argumentos racionais, quanto argumentos morais de deslegitimação.

> Em plena efervescência geral contra a roubalheira petista, Frei Betto, André Singer e mais dois bonecos de ventríloquo se reúnem na Apeoesp para discutir “a ameaça conservadora aos direitos sociais”, quando é patente que

> em todos os protestos populares anti-Dilma ninguém disse uma palavra contra “direito social” nenhum, exceto o direito social de meter a mão nos cofres públicos. (Prazo de validade, Postagem seu blog, 2015)
>
> Era uma política consciente. Lembro, como se fosse hoje, o zunzum entre os comunistas da redação quando Carlos Alberto Libânio Christo, o “Frei Betto”, veio trabalhar na Folha, naquele intervalo de retorno ao ambiente profano, que nos seminários precede a opção definitiva pela ordenação sacerdotal. Era necessário, era urgente, comentavam, fazer amizade com o padreco, embebedá-lo, levá-lo a boates e puteiros, fazer dele um membro em regra da patota dos bons. (A degradação dos melhores. Postagem em seu blog, 2014)

O ataque à moralidade de seus alvos mostra-se como um instrumento recorrentemente aplicado em suas críticas. No trecho acima, por exemplo, possível notar que, Frei Betto, intelectual cuja vida pessoa é intrincada às políticas do PT, é apelidado de “boneco de ventríloquo” por Olavo de Carvalho, além de ser definido como tolerante e defensor da "roubalheira" do partido. Além disso, as datas das postagens chamam a atenção: ambas publicadas entre o período de manifestações contra a corrupção que emergiu em junho de 2013 e o impeachment de Dilma Rousseff. Publicados há dois e um ano, respectivamente, dessa primeira data (2013), os excertos demonstram um movimento de adequação e posicionamento realizado por Olavo de Carvalho em relação às clientelas conservadoras que buscavam o consumo e o reconhecimento simbólico por parte dos intelectuais da nova direita (RODRIGUES, 2018).

> O próprio presidente da República tornou-se assim prisioneiro do poder de chantagem psicológica de que a campanha contra a fome investiu o sr. Betinho. Eis aí realizada uma das metas básicas da campanha. Quem entende que Betinho nunca teve outra preocupação na vida senão de ordem política percebe que com a campanha contra a fome sua maior contribuição foi completar um giro de cento e oitenta graus na estratégia das esquerdas, impelindo-a no sentido da “revolução cultural” gramsciana — na qual é um dos objetivos prioritários a desapropriação da autoridade moral da religião e sua transferência ao menos aparente à liderança esquerdista. Betinho acabou sendo derrubado por um truque sujo igual ao usado contra seus adversários: julgar com malícia um ato lícito, dando-lhe ares de crime. (CARVALHO, 1995, 286)

Nesse excerto, Olavo de Carvalho acusa Betinho, nome pelo qual se refere à Herbert de Souza, de utilizar-se da pauta do combate à forma como um instrumento para angariar poder político para si, sendo até mesmo capaz de chantagear o então presidente Itamar Franco para alcançar esse fim. Para Olavo de Carvalho, o movimento de Herbet de Souza contra o seus adversários caracterizaria um “truque sujo”. Eleitos e definidos por Olavo de Carvalho como adversários, esses intelectuais

são reiteradamente mencionados e avaliados em um movimento que propõe escancarar a suposta imoralidade que caracteriza a esquerda hegemônica e, portanto, domina o campo intelectual e cultural brasileiro.

Posto que o interesse de Olavo de Carvalho por Marilena Chauí apresenta-se de forma mais destacada em relação aos demais intelectuais citados, optei por focalizar essa análise nos trabalhos de OC expressam-se contrariamente à filósofa. É fundamental observar que Marilena Chauí é uma filósofa renomada, que ocupa um lugar destacado em uma das maiores instituições de ensino público do Brasil e cuja reputação transcende o ambiente acadêmico. Além disso, a filósofa possui um significativo envolvimento político com o Partido dos Trabalhadores (PT), alvo frequente das críticas fervorosas orquestradas por Olavo de Carvalho em seus discursos políticos e manifestações intelectuais. Esses dois pontos, somados, delineiam um cenário rico e complexo que merece investigação e análise aprofundadas. Além das citações extraídas da trilogia de OC, nas postagens realizadas em seu blog, há inúmeras menções à Marilena Chauí. Na tabela abaixo, elenquei o título das publicações nas quais o nome “Chauí” foi encontrado, bem como o link para acesso e o ano de sua divulgação.

Tabela 2: Levantamento de Citações com "Chauí" no Blog Olavo de Carvalho

| Título | Link | Data |
|---|---|---|
| Quando aprenderão | https://olavodecarvalho.org/quando-aprenderao/ | 04/1994 |
| Esquema simplório | https://olavodecarvalho.org/esquema-simplorio/ | 05/1996 |
| Lutando contra um fantasma | https://olavodecarvalho.org/lutando-contra-um-fantasma/ | 04/1999 |
| "Panorama Mercantil" Entrevista com Olavo de Carvalho | https://olavodecarvalho.org/barack-obama-e-um-semi-analfabeto/ | 05/1999 |
| USP é templo de vigarice | https://olavodecarvalho.org/usp-e-templo-de-vigarice/ | 07/1999 |

| | | |
|---|---|---|
| A fórmula para enlouquecer o mundo | https://olavodecarvalho.org/a-formula-para-enlouquecer-o-mundo/ | 04/2000 |
| Vampiros Filosóficos | https://olavodecarvalho.org/vampiros-filosoficos/ | 06/2000 |
| Lei esotérica | https://olavodecarvalho.org/lei-esoterica/ | 07/2000 |
| O leite das crianças | https://olavodecarvalho.org/o-leite-das-criancas/ | 05/2001 |
| Marxismo já! | https://olavodecarvalho.org/marxismo-ja/ | 06/2001 |
| O silêncio dos tagarelas | https://olavodecarvalho.org/o-silencio-dos-tagarelas/ | 06/2001 |
| Festival retrô | https://olavodecarvalho.org/festival-retro/ | 06/2001 |
| Aforismos para a decifração do Brasil | https://olavodecarvalho.org/aforismos-para-a-decifracao-do-brasil/ | 06/2001 |
| Velho hábito | https://olavodecarvalho.org/velho-habito/ | 03/2003 |
| Sepultando um cadáver intelectual | https://olavodecarvalho.org/sepultando-um-cadaver-intelectual/ | 05/2003 |
| Aviso de Alberto Dines & considerações sobre a universidade | https://olavodecarvalho.org/aviso-de-alberto-dines-consideracoes-sobre-a-universidade/ | 08/2003 |
| Pauteiro da USP | https://olavodecarvalho.org/pauteiro-da-usp/ | 10/2004 |
| Honra ao mérito | https://olavodecarvalho.org/ho | 08/2005 |

| | | |
|---|---|---|
| | nra-ao-merito-2/ | |
| Nazismo de cátedra | https://olavodecarvalho.org/nazismo-de-catedra/ | 08/2005 |
| O Brasil tem filósofo | https://olavodecarvalho.org/o-brasil-tem-filosofo/ | 10/2005 |
| A imitação da filosofia | https://olavodecarvalho.org/a-imitacao-da-filosofia/ | 12/2005 |
| Conversa sobre estilo | https://olavodecarvalho.org/conversa-sobre-estilo/ | 12/2005 |
| Educação e consciência | https://olavodecarvalho.org/educacao-e-consciencia/ | 09/2006 |
| Viver sem culpas | https://olavodecarvalho.org/viver-sem-culpas/ | 06/2007 |
| Lógica da mistificação, ou: O chicote da Tiazinha | https://olavodecarvalho.org/logica-da-mistificacao-ou-o-chicote-da-tiazinha/ | 06/2011 |
| Pensamento e atualidade de Aristóteles – Aula IV (Parte II) | https://olavodecarvalho.org/pensamento-e-atualidade-de-aristoteles-aula-iv-parte-ii/ | 09/2013 |
| Longe de Berlim, fora do mundo | https://olavodecarvalho.org/longe-de-berlim-fora-do-mundo/ | 06/2015 |

## Parte 5: Notas sobre o conservadorismo, o conservadorismo de Olavo de Carvalho e seu tradicionalismo

### 5.1 Um breve resumo sobre o conservadorismo

O conservadorismo, definido como uma das principais estruturas ideológicas que fundamentam a era moderna, configura um dos conceitos mais extensamente difundidos e notavelmente versáteis do léxico político da contemporaneidade. O termo, cuja semântica remonta ao apreço pela estabilidade e a um estado de permanência, abre-se à muitas interpretações, levando-nos a indagar sobre os elementos que permeiam o conceito de pensamento conservador. Observamos, a partir de Bourdieu (2013), que a linguagem configura-se como uma ferramenta de influência. Para o autor, esse "potencial influente da proclamação" (BOURDIEU, 2013, pg 444) diz respeito à sua capacidade de remodelar os padrões de compreensão e, desse modo, reconstruir completamente a percepção que se têm do domínio social e, por conseguinte, do domínio político. Assim, tal como articulado por Bourdieu no estudo dos mecanismos subjacentes à luta pelo controle dos sistemas de classificação oficial, o ato de atribuir novas denominações para determinados conceitos e situações não só precede suas existências, mas também pode transformar efetivamente suas identidades e características, isto é, alterar o "estado de fato" das circunstâncias.

> (...) a imposição de um nome reconhecido opera uma verdadeira trasmutação da coisa nomeada, que ao deixar de existir em estado de fato, ou seja, como exercício tolerado, ilegal ou ilegítimo, torna-se função social (BOURDIEU, 2013, p. 444)

Diante disso, é imprescindível que a política e a ciência política, campos que também operar a partir da aplicação e mobilização de termos e nomenclaturas, não reduzam as suas produções aos rótulos, mas, ao invés, dediquem-se para compreender os significados que esses tais rótulos conferem aos conceitos e situações que analisam. Trata-se de um movimento de reflexão fundamental por auxiliar no processo de validação das funções sociais e de poder atribuídas à determinados conceitos. Nesse sentido, ainda sobre essa questão, Karl Mannheim (1972), cujo pioneirismo e contribuição na abordagem e conceitualização do conservadorismo são irrefutáveis, argumenta:

> Somente em um mundo em transformação, em que se esteja criando valores novos fundamentais e destruindo os antigos, pode o conflito intelectual chegar ao ponto em que antagonistas busquem aniquilar não só as crenças e atitudes específicas um do outro, mas igualmente os fundamentos intelectuais sobre os quais estas crenças e atitudes repousam. (MANNHEIM, 1972, p. 90)

Este seria o cenário de origem do conservadorismo. Enquanto forma de pensar, este teria emergido como uma prática política consciente e estruturada reação a um movimento que rompia com a ordem vigente, considerada natural. Assim, ainda que frequentemente definido e situado como o seu antagonista, o nascimento do pensamento conservador seria intrinsecamente associado ao progressismo. Isto porque, em uma dita sociedade, este promove o acentuamento da mobilidade social, levando diferentes estratos e grupos da sociedade a entrar em contato e, por consequência, conhecer formas variadas de vivenciar o mundo. Dessa situação, por sua vez, nasce o processo de confrontação de perspectivas diversas, colocando em dúvida crenças arraigadas e desmistificando a ilusão do pensamento preponderante.

Ainda segundo Mannheim (1972), cuja análise foi desenvolvida na Alemanhã, onde o conservadorismo é percebido como uma ideologia reativa, capaz de ser identificada através de suas características distintivas, os dois conceitos seriam profundamente imbricados: ambos estariam vinculados ao movimento de secularização do pensamento político, configurando as bases do conservadorismo tal como se conhece na modernidade. Além disso, para o autor, De acordo com o autor, o conservadorismo configura um fenômeno histórico, capaz de adaptar-se às necessidades sociais e que pode ser definido por certas características principais, ainda que esteja em constante evolução. O conservadorismo, conforme Mannheim, destaca-se por

> [1] sua natureza qualitativa; [2] sua ênfase no concreto em contraposição ao abstrato; [3] sua aceitação da realidade presente duradoura comparada com o desejo progressista de mudança; [4] a simultaneidade ilusória que ele atribui aos acontecimentos históricos comparada com a concepção linear liberal de desenvolvimento histórico; [5] sua tentativa de substituir o indivíduo pela propriedade territorial como base da história; [6] e sua maior preferência pelas unidades sociais orgânicas do que pelas unidades aglomeradoras, tais como as ‘classes’ (Mannheim, 1986, p. 125)

Por sua vez, o filósofo Edmund Burke, que viveu entre entre os anos de 1729 e 1797, compreende que revoluções não implicam em transformações radicais da

sociedade, tampouco envolvem elementos violentos. Trata-se de uma concepção que toma como base a Revolução Gloriosa (1688-1689), movimento de cunho aristocrático conduzido pelas classes dominantes e regido por acordos e contratos. Trata-se de um entendimento que contrasta com a perspectiva dos progressistas. Assim, para o conservadorismo clássico e moderno, são utópicos os ideais democráticos e de justiça social que, à semelhança da Revolução Francesa, almejam um cenário de igualdade. Em Burke, a rejeição de tais ideais se justifica por serem concebidos como fontes de decadência social. As classes dominadas, reflete o autor, não deveriam ser protagonistas de uma revolução, ainda mais uma que, utilizando-se da vivência, rebaixam e rompem com tradições (SOUZA, 2016).

Esse pensamento conservador, por sua vez, é significativamente modificado nos períodos entre e pós-guerras, sendo profundamente impactado pela Revolução Russa (1917) e término da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Nesse contexto, novos autores começam a ganhar proeminência nos estudos políticos, introduzindo novas reflexões e forjando o conservadorismo contemporâneo ao assimilar novos paradigmas de análise. Três desses pensadores são Michael Oakeshott, Russell Kirk e Roger Scruton. Posto que Olavo de Carvalho mobiliza diversas ideias e colocações do pensamento do filósofo inglês Roger Scruton, dedico essa seção para adentrar mais profundamente em suas obras. Listando os principais paradigmas para compreensão de seu entendimento sobre o tema, Roger Scruton em "*O que é conservadorismo*" (2015), apresenta uma questão igualmente interessante e relevante. Trata-se da relação entre tradição e pertencimento que, segundo o autor, funda os ideais de conservadorismo.

> É insuficiente definir o conservadorismo como o desejo de conservar, o conservadorismo surge diretamente da sensação de pertencimento a alguma ordem social contínua e preexistente e da percepção de que esse fato é importantíssimo para determinar o que fazer. A "ordem" em questão pode ser a de um clube, a de uma sociedade, a de uma classe, a de uma comunidade, a de uma igreja, a de um governo ou a de uma nação (SCRUTON, 2015, p. 52)

Adotando essa retórica mais reacionária, Scruton dificulta a nossa compreensão do termo "conservador". Definindo conservadores como "restauradores", o autor não somente rejeita as noções de apego ao presente e resistência às mudanças, mas também argumenta a respeito dos processos que provocam o adoecimento de uma sociedade e discorre sobre a sensação de

experimentar um movimento de transformação enquanto parte de uma sociedade em "ruínas".

> Para evitarmos o sentimentalismo, devemos reconhecer que uma sociedade também tem uma vontade, e que uma pessoa racional deve estar aberta a sua persuasão. Para o conservador, essa vontade está conservada na história, na tradição, na cultura e no preconceito. As nações britânicas, longe de serem sociedades selvagens que justificariam a imposição de decretos abrangentes, são fundadas nas mais desenvolvidas culturas nacionais e contêm todos os princípios da vida social (SCRUTON, 2015)

Para Roger Scruton, ademais, o pensamento conservador está intimamente associado ao combate a um “consenso de esquerda”, que teria sido estabelecido com o colapso do Império Soviético. Trata-se de noção que, não por acaso, se aproxima do conceito aplicado por Olavo de Carvalho de “hegemonia de esquerda” e estimula o autor a argumentar que a amplitude conservadora do termo "liberdade" fora reduzida com o colapso do governo soviético e o surgimento de um consenso liberal de esquerda. Por isso, Scruton propõe restrições à liberdade como meio de preservar os valores fundamentais da sociedade.

> Enquanto liberdade significava "liberdade da opressão comunista", os conservadores poderiam defendê-la e saber que estavam mais ou menos de acordo com aquilo em que sempre acreditaram. Com o colapso do Império Soviético e o aparecimento de um consenso liberal de esquerda, contudo, o antigo grito de guerra não serve para diferenciar o conservadorismo dos seus rivais. (SCRUTON, 2015)

Apesar disso, o autor destaca que não deve haver liberdade para propagar o ódio, difamar ou praticar ações prejudiciais aos outros. Além de defender o conservadorismo, Scruton argumenta em favor do estabelecimento de regras e normas de conduta e de um Estado capaz de garantir o exercício de tais fundamentos. Para o pensador, se desvinculada das instituições, a liberdade torna-se cega. Introduzidos brevemente, esses pontos nos auxiliam a compreender a influência exercida por Scruton em Olavo de Carvalho e, muito além, a conhecer e visualizar as diferenças na forma de cada autor instrumentalizar o pensamento conservador.

## 5.2 O pensamento conservador particular de Olavo de Carvalho

Explorar características particulares do pensamento conservador de Olavo de Carvalho faz-se como um esforço crucial para uma compreensão mais aprofundada de suas ideias. Para afunilar o escopo desta proposta, optei por discorrer sobre a questão a partir das ideias de anti-intelectualismo próprias do autor. Tais ideias definem as estratégias por ele empregadas no enfrentamento daquilo que denomina "hegemonia de esquerda" e sustentam a sua oposição à universidade. De acordo com Szwako (2022), o anti-intelectualismo pode ser definido como:

> [...] uma atitude de aversão ou um sentimento de hostilidade à comunidade universitária e ao estilo intelectual de vida nutrido em espaços de formação acadêmica e cultural. Isso significa, por um lado, oposição continuada e sustentada a alguns dos traços mais característicos do ethos acadêmico, como o exercício de abstração e o emprego de raciocínio reflexivo e analítico. Por outro lado, e de modo mais concreto, significa a contraposição a encarnações mais evidentes e palpáveis da comunidade científica, ou a partes dela, como instituições acadêmicas, associações ou autoridades científicas. Em ambas as dimensões, o anti-intelectualismo se expressa como atitude que, embora diversa, compartilha com as teorias conspiracionistas e com os diversos negacionismos um parentesco de primeiro grau. (SZWAKO, 2022)

Mas o pensamento de Olavo de Carvalho tem suas peculiaridades, e uma das formas de interpretá-las é por meio do conceito de mercado de reações (RODRIGUES, 2018) em que o próprio Olavo de Carvalho se encontra. Esse conceito descreve uma dinâmica em que determinados produtores de conteúdo constroem sua atuação em resposta aos adversários políticos e culturais, buscando, por meio dessa contraposição, mobilizar públicos mais amplos e diferenciados. Desse modo, a inserção de Olavo de Carvalho nesse mercado de reações, por sua vez, mostra-se como um meio eficiente de se decifrar e entender o conteúdo de suas intervenções e a relação estabelecida pelo autor com sua audiência.

Conforme observa Rodrigues (2018), ademais, a produção de Olavo de Carvalho atendia a uma clientela heterogênea, interessada em participar do debate político, mas que se encontrava relativamente afastada dos circuitos tradicionais de formação intelectual. Assim, a partir do mercado de reações, podemos notar que o anti-intelectualismo olavista não se configura como uma simples aversão irracional ao conhecimento, mas como uma estratégia calculada para transformar sua marginalização acadêmica em uma virtude moral e mercadológica. Por reconhecer a impossibilidade de competir pessoalmente por um lugar no pólo erudito, campo em que as produções são realizadas a partir da aplicação rigorosa do método científico,

Carvalho passa a atacar as próprias instituições e os critérios que validam esse saber. Essas características definem as particularidades do seu pensamento conservador.

Um dos pensadores que mais inspira o pensamento de Olavo de Carvalho em relação à academia é René Guénon, metafísico francês cujo nome, tal como observado a partir do levantamento realizado, é recorrentemente mencionado na trilogia de livros do autor. As ideias de Guénon baseiam-se no conceito de "Tradicionalismo" ou "Perenialismo", que dizem respeito a uma corrente espiritualista em profunda revolta contra o mundo moderno (FELINTO, 2020). A influência do tradicionalismo na obra de Guénon pode ser notada em *"A Crise do Mundo Moderno"* (1977), obra na qual o autor rejeita a própria ideia de progresso ao diagnosticar a civilização ocidental como uma anomalia em estágio terminal de decadência materialista (BIANCHI, 2025).

Ainda sobre o tema da modernidade, em outra obra, que intitula-se "*O Reino da Quantidade os sinais do tempo*" (1989) Guénon discorre sobre uma oposição entre ciência profana e ciência tradicional.

> Entre os traços característicos da mentalidade moderna, analisaremos, em primeiro lugar, como eixo central do nosso estudo, a tendência para reduzir tudo ao ponto de vista quantitativo, tendência muito marcada nas concepções científicas dos últimos séculos e que, além disso, se manifesta nitidamente em outros domínios, especialmente no da organização social. Assim, ressalvada uma restrição cuja natureza e necessidade serão apresentadas mais adiante, poder-se-ia quase definir a nossa época como sendo, essencialmente e antes de tudo, o "reino da quantidade". (*idem*)

Para o autor, além disso, a causa do declínio da sociedade ocidental é o individualismo, que teria sido impulsionado pelo racionalismo de Descartes e pela Reforma de Lutero (OISSA, 2018). Para reverter esse colapso, Guénon propõe a formação de uma "nova elite intelectual", detentora do verdadeiro conhecimento metafísico e capaz de guiar as massas (BIANCHI, 2025). Contudo, ele adverte rigorosamente que essa vanguarda salvadora jamais poderia surgir das universidades, pois os acadêmicos já estariam corrompidos pelos preconceitos do racionalismo profano (*idem*). Como parte de seu reacionarismo, Guénon também repudia a democracia, fundamentando-se no argumento de que "o superior não pode emanar do inferior". Para ele, a lei da maioria representa apenas a supremacia

da matéria e da ignorância, arruinando qualquer hierarquia espiritual legítima (*ibidem*).

Com efeito, de modo mais específico, é dessa recusa à razão moderna que nasce a estratégia anti-acadêmica de Olavo de Carvalho. Visto que, tal como concebe Guénon, as ciências modernas seriam capazes de produzir apenas conhecimento inferior e materialista, uma nova "elite intelectual" deveria ser formada para que a sociedade fosse salva. Ressalto, entretanto, que, para Guénon, o ponto central dessa discussão é o seguinte: as universidades jamais poderiam gerar uma elite intelectual para guiar as massas. O francês acreditava que seria mais fácil encontrar a verdadeira sabedoria em uma pessoa "ignorante" do que em um cientista diplomado porque os professores já estavam com a mente corrompida pela educação moderna. Olavo de Carvalho, por sua vez, reproduz essa mesma premissa em seus esforços de desqualificar a academia brasileira, convencendo o seu público de que a universidade é um lugar de ignorância e que os verdadeiros sábios só podem se formar à margem dela.

No entanto, para melhor dialogar com a sua clientela brasileira, o autor reproduz essa teoria de forma adaptada. Um exemplo desse movimento é a ruptura de Olavo de Carvalho com o misticismo e a gradual adoção de uma perspectiva cristã. O autor que, conforme relembra Erick Felinto (2020), na década de 1980, chegou a participar de uma seita esotérica islâmica liderada pelo tradicionalista Fritjof Schuon, abandonou essas práticas orientais e passou a posicionar-se em defesa do conservadorismo cristão, transição que revela uma tentativa de ganhar espaço na política brasileira por parte de OC. Desse modo, aponta Alvaro Bianchi (2025), a partir de Guénon, Olavo de Carvalho compreende que, se e as escolas já estavam dominadas pela esquerda, restava-lhe somente formar pequenos grupos de alunos fiéis e, a partir deles, espalhar suas ideias conservadoras, travando uma guerra cultural contra os membros do pólo erudito. Desse modo, o autor alcança um "gramscismo invertido", defendendo e desenvolvendo um

> [...] um programa de formação de um grupo intelectual capaz de liderar uma contrarreforma intelectual e moral cujo objetivo não era a emancipação coletiva, e sim a subalternização dos oprimidos. Daí seu caráter reacionário. Em um artigo de grande repercussão entre seus admiradores, publicado em fevereiro de 2006 no Diário do Comércio, registrou sua opinião a respeito: “A única solução viável, que enxergo, é a formação de pequenos grupos solidários, firmemente decididos a obter uma formação intelectual sólida”. (CARVALHO, 2013, p. 599 *apud* BIANCHI, 2025)

Eis um aspecto fundamental a ser analisado para se decifrar particularidades do pensamento conservador de Olavo de Carvalho. Assim como para René Guénon (OISSA, 2018), a modernidade é concebida por OC como uma era de degradação moral que afasta o ser humano de Deus. O autor replica os preceitos tradicionalistas e defende que o declínio do mundo começou com figuras históricas como Descartes, que limitou a inteligência à razão científica, e Martinho Lutero, que, com a Reforma Protestante e a defesa do livre exame, quebrou a autoridade das tradições religiosas, dando origem ao individualismo. Desse modo, Carvalho concorda integralmente com Guénon, argumentando que a nossa civilização é doente e decadente, e que o Ocidente errou gravemente ao trocar o conhecimento espiritual pela ciência e pela razão.

Assim, de acordo com Rodrigues (2025), Olavo de Carvalho utilizaria-se em suas produções de um mecanismo, que nomeia "pirueta da inversão", para desqualificar o pólo erudito. Longe das normas e regras do campo acadêmico e da universidade, o seu trabalho é desenvolvido com o objetivo de implodir a legitimidade dessas instituições. Ao desqualificar sistematicamente os especialistas e acadêmicos, tachando-os de ineptos, presunçosos, omissos e corruptos, OC não apenas profere ofensas vazias, mas opera uma fusão identitária com o seu público leigo. Por meio dessa inversão discursiva da hierarquia objetiva do conhecimento, Carvalho tenta rebaixar a universidade e, nesse movimento, elevar o cidadão comum à condição de portador da verdade. Olavo de Carvalho, desse modo, conforta o seu leitor conservador ao postular que, mesmo sem diplomas, ele é moral e intelectualmente superior aos comitês científicos do Estado.

No entanto, para sustentar essa inversão hierárquica e transferir para si a autoridade que nega à academia, Olavo de Carvalho precisou forjar auto-imagem do "solitário virtuoso". Ocupando este posto, argumenta Rodrigues (2025), o autor encena magistralmente o papel de gênio isolado que, apesar de assumir o dever de uma negação anti-social contra as regras da universidade, domina perfeitamente os seus códigos da alta cultura. Protegido pela fachada de "solitário virtuoso", Olavo de Carvalho mobiliza para si o prestígio acadêmico, citando exaustivamente autores canônicos da tradição ocidental enquanto desdenha desses meios. A narrativa de Carvalho, ademais, associa a recusa em se curvar à academia a um um ato de coragem e virilidade em prol da preservação solitária da verdadeira sabedoria, que, por sua vez, estaria sendo corrompida pela esquerda. Não se trata, portanto, de uma

manifestação contrária a uma instituição fracassada, mas de uma conduta virtuosa contra a corrupção do conhecimento pela esquerda. A aproximação das noções de virtude, coragem e virilidade por OC será de grande valor para analisarmos os comentários proferidos pelo autor à Marilena Chauí.

Em oposição direta à figura heroica e isolada do "solitário virtuoso", Olavo de Carvalho retrata o campo acadêmico como "imbecil coletivo". O uso desse termo, que intitula o seu *best-seller* de 1996, não foi um mero xingamento acidental, mas sim uma provocação e uma inversão proposital do conceito de "intelectual coletivo", formulado pelo marxista italiano Antonio Gramsci. Assim, conforme o pensamento conservador de Carvalho, os consensos construídos social ou institucionalmente garantem apenas a ignorância padronizada. O autor, portanto, respeita a premissa segundo a qual "duas ou três mil cabeças pensam muito pior que uma", defendendo que a universidade, ao tentar agir de forma coletiva, anula a inteligência individual. Apesar disso, ainda que anunciado publicamente a partir da retórica do distanciamento e da crítica às universidades, o projeto intelectual de Olavo de Carvalho não almeja uma simples separação com a academia.

Na realidade, o autor visa capturar o prestígio que emana da universidade ao emular ferramentas estéticas e metodológicas tipicamente acadêmicas: faz o uso ornamental do latim, cita exaustivamente autores do cânone filosófico e estrutura seus livros simulando o rigor de teses universitárias, inflando-os com infindáveis notas e apêndices documentais. Trata-se, desse modo, de uma tática de mimetismo na qual ele assimila as armas do adversário para utilizá-las em um projeto próprio. Assim, observamos que o autor se aproxima estrategicamente do polo erudito como em uma tentativa para "pegar impulso", apropriando-se de seus artifícios formais para, em seguida, distanciar-se e fundar sua própria autoridade. Essa prática, por sua vez, pode ser visualizada por meio do exame das operações discursivas e escolhas performativas que caracterizam OC enquanto intelectual ou, melhor, como veremos no capítulo seguinte, guru capaz de, solitariamente, escancarar verdades ocultas.

## Parte 6: Análise dos artifícios utilizados por Olavo de Carvalho

Este capítulo analisa os artifícios mobilizados por Olavo de Carvalho com o intuito de legitimar-se como filósofo e produtor cultural do pólo ampliado e, simultaneamente, desqualificar seus adversários e os intelectuais do campo acadêmico. A discussão foi desenvolvida a partir da análise das operações discursivas e escolhas performativas que caracterizam OC enquanto intelectual e estruturam a disputa por legitimidade que define contra o campo acadêmico. Examino, portanto, a partir de seus livros, aulas, vídeos e intervenções públicas, características particulares dessa persona intelectual que, desprovida de validação institucional e estrangeira ao campo universitário, almeja obter reconhecimento enquanto tal no pólo ampliado da produção cultural. A análise se apoia no mapeamento autoral previamente apresentado e toma como corpus a trilogia central de livros de Olavo de Carvalho, alguns livros que abordam a filosofia como tema, textos de blog, o material do Seminário de Filosofia e conteúdos difundidos em redes sociais. Eis os seis excertos analisados.

> **Trecho 01: "Silêncio dos tagarelas"** (2001, grifo adicionado)
>
> Não estranha que as estrelas maiores do **espetáculo** sejam as mesmas que criaram as condições culturais para a ascensão petista, nem que a mais cintilante do elenco, **Marilena Chauí, rebole até à exaustão** no palco da dialética para tentar suprimir o óbvio, lançando as culpas do vexame governamental sobre a política econômica do dr. Palocci, como se os crimes denunciados não viessem de mais de uma década e não tivessem nada, nadinha a ver com a velha afeição do **PT** por quadrilhas de narcoterroristas e sequestradores.

**Comentário:**

Nesse trecho, em tom de sábio-corajoso que traz à luz um conhecimento até então secreto, Olavo de Carvalho argumenta que a ascensão petista seria uma consequência do trabalho dos intelectuais e produtores culturais do polo erudito, equilibrados na figura de Marilena Chauí, filósofa que, ironicamente ou não, o autor define como a estrela mais cintilante do espetáculo.

Nesse movimento, o autor situa a filósofa em um posição equidistante à universidade e ao petismo (PT : MC :: MC : U), reforçando a equivalência ou mútua-afetação que julga haver entre o campo acadêmico e o partido, a saber: a hegemonia de esquerda que domina as universidade. Simultaneamente, ainda que

como um recurso argumentativo, Olavo de Carvalho isola a filósofa do coletivo intelectual para tentar combatê-la conforme preceitos morais. Desse modo, sustentado por suas premissas conservadoras, o autor vale-se de expressões coloquiais para alimentar ideias conspiracionistas e, desse modo, revelar ao seu público uma verdade obscura que somente ele pode ver.

Assim, ao postular que Marilena Chauí “rebola até a exaustão” para esconder insucessos do governo petista, Olavo de Carvalho faz-se enquanto guia para uma verdade secreta, mas, muito além, revela-se incapaz de criticar a filósofa enquanto intelectual, limitando-se aos ataques pessoais, relacionados ao seu gênero. Esse posicionamento sexista, por sua vez, reflete a noção de virilidade que permeia as condutas de Carvalho frente à academia, desenhando um intelectual voluntariamente isolado que parece, entretanto, profundamente ressentido em relação ao desempenho e à legitimidade concedida às produções da adversária. Uiva, o lobo solitário, para acordar os silenciosos-tagarelas.

> **Trecho 02: “Nazismo de cátedra”** (2005, grifo adicionado)
> O que ninguém pode é denunciar essa intrujice sem ser assediado imediatamente pelo único tipo de argumentos que se admitem como legítimos no **nazismo de cátedra**: olhares de ódio, insinuações malévolas, eventualmente alguns palavrões. “**Abajo la inteligencia**” já se tornou, enfim, norma consagrada. Agora só falta acrescentar: “**Viva la muerte**”;

**Comentário:**

A partir do termo "nazismo de cátedra", Olavo de Carvalho expressa um descontentamento em relação à universidade, argumentando que, antes de uma instituição legitimada por processos e regras tradicionais do campo científico, na qual debates intelectuais são possíveis, esta diria respeito a um campo validado pelos ataques morais que direciona aos seus adversários. Esse suposto ímpeto de perseguição que permeiaria as condutas de intelectuais é, ainda, reforçado por meio da menção aos lemas "abajo la inteligencia" e "viva la muerte”, que são aplicados para aproximar a universidade a um regime historicamente marcado pelo autoritarismo e pela repressão. Valendo-se de tais expressões, Olavo de Carvalho alimenta a ideia de que a produção intelectual haveria sido abandonada pelos intelectuais do pólo erudito e, em seu lugar, reinaria a intolerância política e o assédio aos críticos do campo.

Outro aspecto relevante para a análise deste trecho é a inversão que o autor executa ao descrever os elementos que legitimam a universidade enquanto espaço de produção cultural. O autor afirma que o valor do campo acadêmico decorreria não do rigor metodológico que permeia suas produções, mas dos "olhares de ódio", "insinuações malévolas" e "palavrões" proferidos pelos intelectuais do pólo erudito. Como observa Canhada (2019), esse tipo de construção desloca o conflito do plano das ideias para o plano moral. Assim, desenha-se a universidade como uma instituição dedicada exclusivamente à perseguição de seus opositores, reforçando perante sua audiência a imagem de um ambiente intelectualmente ilegítimo ao anulá-la como espaço de produção científica.

> **Trecho 03: "Pauteiro da usp"** (2004, grifo adicionado)
> Não suporto mais ser o **pauteiro não remunerado** do Departamento de Filosofia da USP. Anuncio o lançamento de O Jardim das Aflições, a Editora da USP marca para o mesmo dia o de Entrevistas com Filósofos Brasileiros. Lanço uma Biblioteca de Filosofia pela Editora Record, dona **Marilena Chauí** solta uma coleção com o mesmo nome pela Editora da Unesp. Coloco na minha Biblioteca uma obra sobre Aristóteles, ela também põe uma na sua (tirando da gaveta, **às pressas,** uma tese de Oswaldo Porchat que durante 34 anos ninguém sentiu urgência de publicar). Fundo o Instituto Brasileiro de Humanidades, a USP vem atrás com seu Curso de Humanidades, anunciando pomposamente que é o primeiro do país.
> Até quando vai durar essa palhaçada? Se não sabem o que fazer, se p**ara posar de pioneiros têm de correr no encalço do que fingem desprezar**, por que não largam de hipocrisia e se inscrevem logo como alunos do meu Seminário de Filosofia?

**Comentário:**

Nesse trecho, Olavo de Carvalho argumenta que os projetos desenvolvidos pelo e no Departamento de Filosofia da USP são, em verdade, cópias de seus trabalhos pessoais. O autor, nesse sentido, percebe-se como uma intelectual cujas ideias e produções são sorrateiramente absorvidas, sem menção ou créditos, pelos acadêmicos da USP, que as reproduzem como se fossem deles próprias. Olavo de Carvalho busca legitimar-se enquanto produtor cultural do pólo ampliado e, simultaneamente, refutando a posição de autoridade atribuída à instituição e definindo-a como mera seguidora ou reprodutora de seus passos, pretende deslegitimar as produções uspianas. Esse movimento configura uma "pirueta da inversão", nome atribuído por Rodrigues (2025) para definir o mecanismo utilizado por Carvalho em suas disputas com o campo acadêmico.

Evidentemente, a reivindicação de Carvalho pelo título de pauteiro da USP não é o único ponto que nos chama atenção nesse trecho. Por meio de suas palavras, o autor demonstra conhecer profundamente as produções e a agenda dos intelectuais uspianos, sendo, por isso, capaz de identificar coincidências relativas às datas e aos temas discutidos. Ao mencionar cursos, coleções editoriais e outros projetos da USP, Olavo de Carvalho não apenas detalha atividades desenvolvidas na/pela Universidade: o autor retrata a si mesmo como um telespectador apaixonado que não perde um único capítulo de sua novela preferida. Demonstrando que acompanha de perto as iniciativas da instituição que pretende deslegitimar, Olavo de Carvalho afirma deter um conhecimento quase onisciente em relação às produções de Marilena Chauí, uma de suas maiores rivais, sendo capaz, inclusive, de revelar quais trabalhos a filósofa mantém trancafiados em sua gaveta. Nesse sentido, esse excerto expõe uma estratégia muito importante do posicionamento de OC frente à academia. Trata-se de manter-se constantemente atento e em observação, sem jamais perder de vista ou distanciar-se exageradamente daqueles com os quais disputa. Essa estratégia, popularmente definida como "manter o inimigo perto", configura uma das principais veias do pensamento olavista, firmando o lugar do autor como intelectual.

> **Trecho 04: "Velho hábito"** (2003, grifo adicionado)
> Se a história de seis décadas não fosse tão rica de exemplos, restaria o meu próprio testemunho pessoal. Quando, antevendo as reações insultuosas e burras, coloquei satiricamente na abertura de um de meus livros um "formulário-padrão para a redação de críticas", todo ele constituído dos chavões de praxe colhidos na literatura crítica esquerdista, nem eu mesmo imaginava que seria preenchido tão fielmente por Gerd Bornheim, Muniz Sodré, Emir Sader, Carlos Nelson Coutinho, Marilena Chauí e outros rotuladores compulsivos, todos com pose de i**ntelectuais respeitáveis**, todos **abstendo-se de tentar refutar uma só linha de minhas alegações**.
> Desde então, as carimbações infamantes e insinuações criminosas não pararam de cair sobre mim às dúzias, às centenas, criando uma imagem postiça de sujeito odioso e fanático, que, exibida a jovens ignorantes nos bancos de universidades, desperta neles uma compreensível vontade de me matar. Prosseguindo por tempo suficiente, espalhando-se em círculos cada vez mais amplos, a acumulação de infâmias alcança o resultado previsto por **Lênin**: torna-se indução à violência. **O adversário não é refutado, mas é destruído**. Como o pavio é longo, os primeiros a acendê-lo estão agora longe demais para ser lembrados. Pairam acima de qualquer suspeita. Virando o rosto para não enxergar a ação de suas palavras, conservam a consciência tranqüila e um ar de dignidade e moderação verdadeiramente admiráveis.

**Comentário:**

Esse trecho evidencia uma característica central da escrita e do pensamento de Olavo de Carvalho: a combinação de referências ao cânone filosófico e ataques de natureza moral aos seus adversários. Ao mesmo tempo em que mobiliza autores e conceitos do pólo erudito para conferir autoridade ao seu discurso, o autor define a universidade como um espaço inapto à produção de debates intelectuais legítimos e os seus membros, como alvos a serem perseguidos e, seguindo a máxima apresentada, destruídos. Não se trata, portanto, de uma proposta de debater ideias, mas de atacar moralmente pessoas, intelectuais. Essa estratégia pode ser compreendida a partir do conceito de alodoxia cultural, desenvolvido por Rodrigues (2018) para tratar do valor dos bens simbólicos no mercado de reações. Segundo a autora, produtores e consumidores, nesse caso, Olavo de Carvalho e sua clientela, compartilham um erro de juízo sobre o valor dos bens simbólicos no mercado de reações: creem que a legitimidade intelectual não pertence mais à universidade, mas à figura do intelectual que se coloca em oposição a ela.

O conceito de alodoxia cultural de Rodrigues (2018) ressoa, por sua vez, com a noção de "jogo de espelhos", delineada pelo filósofo Júlio Canhada (2019). Ambos demonstram que Olavo de Carvalho posiciona-se como um intelectual disruptivo, que acusa a universidade de recorrer à desqualificação moral e de evitar o debate de ideias para refutar a legitimidade da instituição. Canhada (2019), entretanto, jogando com espelhos, argumenta que, nesse movimento, Olavo de Carvalho reflete as próprias condutas, atribuindo intenções conspiratórias aos seus adversários e definindo o silêncio ou a ausência de resposta como evidência de culpa. Por meio das críticas que dirige à academia, o autor constrói-se e firma-se como intelectual perseguido por uma instituição que, segundo sua narrativa, busca preservar sua posição de autoridade.

> **Trecho 05: "Marxismo já"** (2001, grifo adicionado)
> Complementada por uma oportuna entrevista que lança sobre o indefectível "neoliberalismo" as culpas do governo Lula – como se os crimes denunciados não viessem do tempo em que a própria Chauí se tornou a **musa inspiradora** do **marxismo petista** –, a alocução da professora da USP no ciclo "O Silêncio dos Intelectuais" traz um enfático reforço à estratégia reencarnacionista do sr. Oliveira.

**Comentário:**

Nesse trecho, Olavo de Carvalho mantém a associação entre Marilena Chauí e o Partido dos Trabalhadores, aproximando a atuação da acadêmica aos escândalos políticos envolvendo o partido. Ao mencionar a palestra proferida pela professora no evento "*O Silêncio dos Intelectuais*" e, em seguida, relacioná-la aos "crimes denunciados" e ao "marxismo petista", o autor deixa de discutir o conteúdo das ideias da filósofa, vinculando-a, neste mesmo movimento, à corrupção e ao projeto político do PT. Como observa Rodrigues (2018), esse tipo de construção é característico do mercado de reações, no qual a disputa pela legitimidade ocorre por meio da desqualificação dos adversários e da aproximação deles com elementos já rejeitados por sua clientela.

Além disso, referindo-se à filósofa como a "musa inspiradora do marxismo petista", Olavo de Carvalho a reduz à condição de alguém que apenas inspira ou ornamenta um projeto político conduzido por outros, minimizando a sua condição de intelectual de uma universidade de renome, ou, como o autor mesmo argumenta, de estrela cintilante da USP (ver trecho 01). Nesse sentido,

A escolha dessa expressão é proposital, utilizada como recurso - marcadamente misógino - para deslocar Chauí da posição de autora e pensadora para um papel secundário, associado mais à sua condição de mulher do que à sua produção intelectual. Mais uma vez, Olavo de Carvalho esquiva-se do debate intelectual, tecendo críticas morais e degradantes aos seus adversários (Canhada, 2019). Trata-se, portanto, de um procedimento recorrente e profundamente relevante para a análise do pensamento e das estratégias de Olavo de Carvalho.

> **Trecho 06: "Lei esotérica"** (2000, grifo adicionado)
> Concordo inteiramente com a sugestão de Augusto Nunes, publicada neste jornal no dia 29, de **apresentar Marilena Chauí às platéias circenses do mundo civilizado como substituta, mais exótica e atraente, dos surradíssimos ursos ciclistas.** Apenas acrescento que, para evitar o desemprego decorrente dessa medida, **os bichos demitidos poderiam ser contratados para lecionar na USP, naqueles cursos do MST que, por caridade para com os doutorandos analfabetos, dispensam a prova escrita.**

**Comentário:**

Ao afirmar que Marilena Chauí poderia substituir um urso surradíssimo em uma atração circense e que este, por sua vez, poderia substituí-la em sala de aula,

Olavo de Carvalho, que refere-se à professora a partir dos termos “exótica” e “atraente”, firma suas críticas no plano pessoal, deslocando-as do campo intelectual para o estético. Mais uma vez, portanto, o gênero da autora mostra-se relevante para a análise. Trata-se, afinal, de um ataque misógino, que pretende desqualificar e minimizar a autoridade e legitimidade da autora ao limitá-la à sua aparência e subestimar sua capacidade para lecionar. A desqualificação da filósofa, portanto, é construída não apenas por meio do deboche, mas também pela utilização de um expediente marcadamente machista.

Parece adequado supor que Olavo não repetiria esse ataque caso o adversário em questão fosse um acadêmico do gênero masculino. No entanto, na medida em que afirma que os animais demitidos do circo poderiam lecionar na universidade, a estratégia de ridicularização passa a ser estendida à USP, que, em sequência, é aproximada ao MST. Explorando essa relação, Olavo de Carvalho afirma: ministrando aulas em tais instituições, os ursos, caridosos, tendo em vista as dificuldades dos "doutorandos analfabetos", descartariam as provas escritas. Por esse caminho, OC não busca discutir a existência de uma relação real e concreta entre o movimento e a universidade, mas, apenas, associá-la a um dos principais alvos de suas críticas políticas. Ao fazê-lo visa projetar as qualidades negativas frequentemente atribuídas ao movimento à universidade, desenhando para os seus leitores uma instituição dominada pela militância de esquerda e desprovida de rigor acadêmico.

**Parte 7: Conclusão**

De maneiras particulares, os seis trechos analisados acima expõem características centrais do pensamento de Olavo de Carvalho, auxiliando-nos a compreender os mecanismos aplicados pelo autor em seus movimentos de ataque ao pólo erudito e, especialmente, à USP, personificada na figura de Marilena Chauí. Dentre as estratégias adotadas por Olavo de Carvalho em sua busca para legitimar-se como filósofo e produtor cultural do pólo ampliado, destacam-se as seguintes: a desmoralização dos seus adversários, a defesa de um domínio hegemônico de esquerda nas universidades públicas, manifesto e estruturado por meio das produções de seus professores, e, por último, a inversão discursiva da hierarquia objetiva do conhecimento, descrita por Rodrigues (2025) como “pirueta de inversão”.

Olavo de Carvalho, desse modo, não disputa a legitimidade acadêmica seguindo as regras tradicionais do campo científico (avaliação por pares, método científico rigoroso e prova documental), mas o faz tentando implodir a legitimidade da academia ao classificá-la como um dos braços de uma conspiração global ou de uma 'hegemonia esquerdista' que ocultaria a verdade do público. Nesse movimento, Carvalho não assume um papel de professor, mas de guru, posicionando-se como detentor de um conhecimento intelectual rebuscado, normalmente, inacessível aos despossuídos de capital cultural, aos quais se dirige com a intenção de transmiti-lo. Trata-se, antes de uma conduta solidária, de uma estratégia calculada para transformar sua marginalização acadêmica em uma virtude moral e mercadológica.

Desse modo, o autor cria um produto cultural menos refinado, mas mais atrativo do ponto de vista comercial (RODRIGUES, 2018, p. 292). Neste processo, Olavo de Carvalho intenciona desbancar a academia brasileira, convencendo o seu público de que a universidade é um lugar de ignorância e que os verdadeiros sábios só podem se formar à margem dela. Com efeito, esse movimento traduz uma das dinâmicas mais relevantes do posicionamento de OC: o autor constroi uma relação de identidade com o seu público leigo a partir de um movimento simultâneo de aproximação e distanciamento com a universidade. Assim, observador que, diferentemente do campo acadêmico que estrutura-se a partir da horizontalidade entre produtores-consumidores e consumidores-consumidores, Olavo de Carvalho

estabelece uma relação verticalizada com a sua clientela, ocupando a posição de guru ou sábio portador de uma verdade secreta.

Para fazê-lo, entretanto, o autor mobiliza para si o prestígio acadêmico enquanto desdenha desses meios e nega os procedimentos e regras do pólo erudito. O autor não deseja, portanto, desvincular-se da universidade, mas tomar para si o seu prestígio e legitimidade. Olavo de Carvalho, nesse sentido, aproxima-se da academia para assimilar suas ferramentas estéticas e metodológicas e, posteriormente, distancia-se do campo, utilizando essas mesmas ferramentas recursivamente em projetos próprios de combate à universidade, não sem antes, evidentemente, adaptá-las para as necessidades de sua clientela.

Com efeito, este movimento é fortalecido com o advento das redes sociais, que, no caso de Olavo de Carvalho, são intensamente mobilizadas para a divulgação livre, imediata e sem burocracias do pensamento do autor. Os impactos de sua presença online alcançaram inclusive esferas políticas e deliberativas do Estado (vide a relação do autor com Jair Bolsonaro e a influência que exerceu na corrida presidencial de 2018 - ver tópico 2.1), confirmando que a atuação de Olavo de Carvalho - como intelectual do pólo ampliado e/ou parteiro do movimento direita (FELLETT, 2016) - é ainda mais densa e complexa do que essa dissertação pode demonstrar. As particularidades desse ponto, entretanto, requerem trabalhos mais aprofundados para serem avaliadas e compreendidas.

**Referências Bibliográficas**

BIANCHI, Alvaro. René Guénon, Olavo de Carvalho e a formação de uma elite intelectual metapolítica. Marx e o Marxismo, v. 13, p. 108-124, 2025.

BOURDIEU, Pierre. O mercado dos bens simbólicos. In:. Economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. Cultura e política: In: A distinção: crítica social do julgamento. Edusp, Porto Alegre, 2007, p. 350- 429.

BREGANTINI, Daysi (Org.). Marilena Chaui: pensamento, afetos e análise da obra. São Paulo: Cult, 2020.

CARVALHO, Olavo de. 2015. *O Jardim das Aflições - De Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil. 3ª ed*. São Paulo: Vide Editorial.

CARVALHO. Olavo de. O Imbecil Coletivo - V1 - atualidades inculturais brasileiras 1996. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade.

_____. A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais & Stella Caymmi. 1996.

_____. O futuro do pensamento brasileiro. Estudos sobre o nosso lugar no mundo. 1998.

_____. O Mínimo que você precisa saber para não ser um Idiota. São Paulo: Record, 2013.

_____. O Jardim das Aflições. São Paulo: Vide Editorial, 2015.

CEPÊDA, Vera. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. Mediações, Londrina, v. 23, n. 2, p. 75-122, maio/ago. 2018.

CHIARAMONTE, Aline. (2015), Lutas simbólicas e doxa: jornalistas e acadêmicos no caso da "lista dos improdutivos" da USP. . São Paulo, dissertação de mestrado em Sociologia, Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, USP.

EDOARDO, Laysmara Carneiro. Diários públicos: Facebook, imagens e a ficcionalização do cotidiano. 2018. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

EDITORIAL, E. 2023. Entrevista - Marilena Chauí. *TRANS/FORM/AÇÃO: Revista De Filosofia Da Unesp*, *5*, 5–34. <https://doi.org/10.1590/S0101-31731982000100001>.

FELINTO, ERICK DE OLIVEIRA. “Olavo tem Razão”: Olavo de Carvalho, Esoterismo e os Mitos Conspiratórios do Imaginário Político Neoconservador. In: ANAIS DO 29° ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2020, Campo Grande. Anais eletrônicos..., Galoá, 2020. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2020/trabalhos/olavo-tem-razao-olavo-de-carvalho-esoterismo-e-os-mitos-conspiratorios-do-imagin?lang=pt-br>. Acesso em: 04 Jul. 2026.

FELLETT, João. “Olavo de Carvalho, o ‘parteiro’ da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias”. BBC News Brasil. 15 dez. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897>. Acesso em 17/09/2021.

GUÉNON, René. A crise do mundo moderno. Lisboa: Editorial Vega, 1977.

GUÉNON, René. O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos. Tradução de Henrique José de Sousa. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

GOFFMAN, E., The presentation of self in everyday life, EUA, Anchor Books Edition, 1959 (Trad. Bras. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 2005, 13ª Edição).

LOUREIRO, Maria. Marilena CHAUI como professora. In: PAOLI, Maria (Org.). Diálogos com Marilena Chaui. São Paulo: Barcarolla; Discurso, 2011. p. 193-201.

MANNHEIM, Karl. O pensamento conservador. In: MARTINS, J. S. (1986). Introdução crítica à sociologia rural. 2a ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

MATOS, O. 2017. MARILENA CHAUI: A FILOSOFIA, A DÍVIDA E O DOM. *Cadernos Espinosanos*, (36), 15-24. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9012.espinosa>. 2017.132638.

OISSA, Valmir. O individualismo e a perda da tradição como causas da decadência da cultura ocidental segundo René Guénon: uma análise crítica. 2018. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

PATSCHIKI, Lucas. Os Litores da Nossa Burguesia: o Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária (2002-2012). Marechal Cândido Rondon: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012.

PUGLIA, Leonardo. O anticomunismo militante de Olavo de Carvalho, 43º Encontro Anual da Anpocs. SPG08 Direitas no Brasil Contemporâneo.

PRADO, Luiz. "Marilena Chauí recebe título de Professora Emérita." Jornal da Universidade de São Paulo, 08 de dezembro de 2017. Disponível em: https://jornal.usp.br/?p=135690. Acesso em: 02/09/2023.

ROCHA, Camila. "Menos Marx, mais Mises": uma gênese da nova direita brasileira (2006–2018). 2018. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RODRIGUES, João Paulo. Trans/Form/Ação. Marilena Chauí (entrevista). Marília, v. 34, 2011. Edição especial. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/QBcLRTrFBNYgT3ZH5XwXRpq/?lang=pt>. Último acesso em: 07/2026.

RODRIGUES, Lidiane Soares. “Uma revolução conservadora dos intelectuais (Brasil/2002-2016)”. Política e sociedade. Florianópolis, vol. 17, nº 39, maio/agosto de 2018.

_____. As razões (do sucesso) de Olavo de Carvalho (1983-2016). Estudos de Sociologia, Araraquara, v. 30, n. esp1, 2025. DOI: 10.52780/res.v30iesp1.19744. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/19744>. Acesso em: 4 jul. 2026.

SCRUTON, Roger · O que é conservadorismo; tradução Guilherme Ferreira Araújo.· 1. ed.- São Paulo: Realizações., 2015.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. Tendências ideológicas do conservadorismo. Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

SZWAKO, José, e José Luiz Ratton. 2022. Dicionário dos negacionismos no Brasil. Recife: Cepe.

VELASCO E CRUZ, Sebastião. Elementos de reflexão sobre o tema da direita (e esquerda) a partir do Brasil no momento atual. In: CRUZ, KAYSEL, CODAS (Orgs.). Direita Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Perseu Abramo, 2015.

# Apêndices

## Apêndice 1 - Mapeamento Autoral:
## CARVALHO. Olavo de. O imbecil coletivo

| Com quem: | Tem apelido? ( | Categoria classificatória | Vivo/Morto | Genêro | Brasileiro? | Estrangeiro? | É listado ou citado em que língua? | É citado? |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Kurt Gödel | N | N | Falecido em 1978 | M | N | Austríaco | N | N |
| Edmund Husserl | | provavelmente o maior filósofo do século | | | | | | |
| René Guénon | N | N | Falecido em 1951 | M | N | Francês | N | N |
| Berdiaev | N | N | Falecido em 1948 | M | N | Francês | L, Francês | N |
| Gilberto Freyre | N | N | Falecido em 1987 | M | S | - | N | N |
| Otto Maria Carpeaux | N | maior dos nossos críticos e historiad | Falecido em 1978 | M | S | - | N | N |
| Oliveira Vianna | N | N | Falecido em 1951 | M | S | - | N | N |
| Osman Lins | N | N | Falecido em 1978 | M | S | - | L, Português | N |
| Bruno Tolentino | | | | | | | | |
| Joseph Conrad | N | N | Falecido em 1921 | M | N | Ucraniaco | N | N |
| Robert Hughes | N | N | Falecido em 2012 | M | N | Australiano | L, Inglês. C, Português | S |
| Whitall N. Perry | N | N | Falecido em 2005 | M | N | Estadunidense | L, Inglês | N |
| Benedetto Croce | N | N | Falecido em 1952 | M | N | Italiano | C, Português | S |
| William Blake | N | N | Falecido em 1827 | M | N | Inglês | L, português. C, Português | S |
| Platão | N | fundador dessa área da cultura a que | Falecido em 347 a.C | M | N | Grego | N | N |
| George Orwell | N | N | Falecido em 1950 | M | N | Inglês | N | N |
| Viktor Frankl | N | nunca assás louvado psiquiatra judeu | Falecido em 1997 | M | N | Austríaco | N | N |
| Rolf Kuntz | N | um dos melhores profissionais do ran | Vivo | M | S | - | N | N |
| Christopher Lasch | N | sociólogo americano | Falecido em 1994 | M | N | Estadunidense | L, português | N |
| Mário Ferreira dos Santos | N | homem verdadeiramente grande | Falecido em 1968 | M | S | - | L, Português | N |
| Wilson Martins | N | N | Falecido em 2010 | M | S | - | L, Português | N |
| James Burnham | N | N | Falecido em 1987 | M | N | Estadunidense | L, Inglês | N |
| Otto Maria Carpeaux | N | eminente crítico e historiado | Falecido em 1978 | M | S | - | L, Português | N |
| Darcy Ribeiro | N | Professor, antecessor. | Falecido em 1997 | M | S | - | L, Português | N |
| Jalal-ed-Din Rûmi | N | N | Falecido em 1273 | M | N | Afegão | N | N |
| Xavier Zubiri | N | filósofo espanho | Falecido em 1983 | M | N | Espanhol | N | N |
| Josiah Royce | N | filósofo americano | Falecido em 1916 | M | N | Estadunidense | C, Português. L, Inglês | S |
| Frei Betto | N | N | Vivo (75 anos) | M | S | - | N | N |
| Heleno C. Fragoso | N | N | Falecido em 1985 | M | S | - | L, Português | N |
| Reinhold Niebuhr | N | Um dos maiores pensadores éticos d | Falecido em 1931 | M | N | Estadunidense | L, Inglês | N |
| Dostoiévski | N | N | Falecido em 1881 | M | N | Russo | L, Português | N |
| William Waack | N | N | Vivo (67 anos) | M | S | - | L, Português | N |
| Rubem Fonseca | N | N | Falecido em 2020 | M | S | - | L, Português | N |
| Paulo Sérgio Pinheiro | N | Professor | Vivo (76 anos) | M | S | - | L, Português | N |
| Jorge Maranhão | N | N | Vivo | M | S | - | L, Português | N |
| Vicente Ferreira da Silva | N | Filósofo | Falecido em 1963 | M | S | - | N | N |
| Wilson Coutinho | N | Crítico | Falecido em 2003 | M | S | - | N | N |
| Hugo de S. Vitor | N | N | Falecido em 1141 | M | N | Saxão | N | N |
| José Veríssimo | N | fundadores da crítica nacional | Falecido em 1916 | M | S | - | N | N |
| Sílvio Romero | N | fundadores da crítica nacional | Falecido em 1914 | M | S | - | N | N |

| Contra quem: | Tem apelido? | Categoria class | Vivo/Morto | Genêro | Brasileiro? | Estrangeiro? | É listado ou cit | É citado? |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Francisco Antônio Dória | N | profissional do | Vivo | M | S | Brasileiro | L, P. | N |
| Eduardo Prado | N | N | Falecido em 190 | M | S | Brasileiro | L, P. | N |
| José Murilo de Carvalho | N | N | Vivo | M | S | Brasileiro | L, P. | N |
| Richard Rorty | N | filósofo pragma | Falecido em 200 | M | N | Estadunidense | N | N |
| Graciliano Ramos | N | velho, artista s | Falecido em 195 | M | S | Brasileiro | L, P. | N |
| D. Carmen Rico-Godoy | N | feminista enrac | Falecido em 200 | F | N | Francesa | L, P. | N |
| Raul Pompéia | N | N | Falecido em 189 | M | S | Brasileiro | N | N |
| Machado de Assis | N | N | Falecido em 190 | M | S | Brasileiro | L, P. | N |
| Cyro dos Anjos | N | N | Falecido em 199 | M | S | Brasileiro | L, P. | N |
| Fernando Sabino | N | N | Falecido em 200 | M | S | Brasileiro | L, P. | N |
| Jorge Amado | N | N | Falecido em 200 | M | S | Brasileiro | N | N |
| Lima Barreto | N | N | Falecido em 192 | M | S | Brasileiro | L, P. | N |
| Arthur de Azevedo | N | N | Falecido em 190 | M | S | Brasileiro | L, P. | N |
| Gerd Bornheim | N | filósofo gaúcho | Falecido em 200 | M | S | Brasileiro | L, P. | N |
| José Arthur Giannotti | N | filósofo | Vivo | M | S | Brasileiro | L, P. | N |
| André Luiz Barros | N | N | Vivo | M | S | Brasileiro | L, P. | N |
| Pierre Bourdieu | N | N | Falecido em 200 | M | N | Francês | N | N |
| Philippe Rivière | N | N | X | M | N | Francês | N | N |
| Laurent Danchin | N | N | Falecido em 201 | M | N | Francês | N | N |
| Bella Josef | N | N | Falecida em 201 | F | S | Brasileira | N | N |
| Antonio Callado | N | escritor | Falecido em 199 | M | S | Brasileiro | N | N |
| Ferreira Gullar | N | N | Falecido em 199 | M | S | Brasileiro | N | N |
| Augusto Massi | N | N | Vivo | M | S | Brasileiro | L, P. | N |
| Roberto M. Moura | N | meritíssimo | X | M | S | Brasileiro | N | N |
| Bakunin | N | N | Falecido em 187 | M | N | Russo | N | N |
| Georges Sorel | N | N | Falecido em 922 | M | N | Francês | N | N |
| Trótski | N | N | Falecido em 194 | M | N | Russo | N | N |
| Francisco Pinto | N | N | Falecido em 200 | M | S | Brasileiro | N | N |
| José Rainha | N | N | Vivo | M | S | Brasileiro | N | N |
| José Celso Martinez Co | N | N | Vivo | M | S | Brasileiro | N | N |
| Lair Ribeiro | N | N | Vivo | M | S | Brasileiro | N | N |
| Michel Foucault | N | anti-humanista | Falecido em 198 | M | N | Francês | L, P. | N |
| Frederic Jameson | N | analfabeto, am | Vivo | M | N | Estadunidense | N | N |
| Eduardo Martins | N | intelectuais pre | Falecido em 200 | M | S | Brasileiro | L, P. | N |
| Horkheimer | N | pensador medi | Falecido em 197 | M | N | Alemão | N | N |
| Freud | N | moralista cons | Falecido em 193 | M | N | Tchéco | N | N |
| Bertrand Russell | N | N | Falecido em 197 | M | N | Inglês | N | N |
| Paulo Roberto Pires | | | | | | | | |
| Muniz Sodré | | | | | | | | |
| Roberto Mangabeira Unger | | | | | | | | |
| João Cruz Costa | | | | | | | | |
| Merleau | | | | | | | | |
| Ponty | | | | | | | | |
| Deleuze | | | | | | | | |
| Oscar Wilde | | | | | | | | |
| João Ricardo Moderno | | | | | | | | |
| Sokal | | | | | | | | |
| Lyotard | | | | | | | | |
| Lacan | | | | | | | | |
| Aronowitz | | | | | | | | |
| Derrida | | | | | | | | |
| Jean Genet | | | | | | | | |
| Richard Mapplethorpe | | | | | | | | |
| Marquês de Sade | | | | | | | | |
| Benedita da Silva | | | | | | | | |
| Marshal McLuhann | | | | | | | | |
| Octávio Ianni | | | | | | | | |
| J. Posadas | | | | | | | | |
| Régis Débray | | | | | | | | |
| Marina Silva | | | | | | | | |
| Bernardo Cabral | | | | | | | | |
| Fernando Jorge | | | | | | | | |
| Gustavo Barroso | | | | | | | | |
| Leonardo Boff | | | | | | | | |
| Carl Schmitt | | teórico do Estado nazista | | | | | | |
| Voltaire | | mentiroso barato | | | | | | |
| Nelson Jobim | | | | | | | | |
| Maurras | | | | | | | | |
| Sartre | | | | | | | | |

## Apêndice 2 - Mapeamento Autoral:
## CARVALHO. Olavo de. O Jardim das Aflições

| Com quem: | Tem apelido? Qual? | Categoria classificatória | Vivo/Morto | Genêro | Brasileiro? | Estrangeiro? | É listado ou citado em que língua? | É citado? | Quantas vezes? |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| James Bryce | N | N | Falecido em 1922 | M | N | Inglês | C, I. | S | 1, 18/ |
| Hegel | N | N | Falecido em 1831 | M | N | Alemão | L, P. | N | 62x |
| Thomas Mann | N | N | Falecido em 1955 | M | N | Suíço | L, P. | N | 1, 24/ |
| Perez de Ayala | N | N | Falecido em 1962 | M | N | Espanhol | N | N | 1, 24/ |
| Sócrates | N | N | Falecido em 399a.( | M | N | Grego | N | N | 1,26 |
| Leibniz | N | N | Falecido em 1716 | M | N | Alemão | N | N | 17x |
| Fichte | N | N | Falecido em 1814 | M | N | Alemão | L, F. | N | 4x |
| Aristóteles | N | Pai de Todos | Falecido em 323a.( | M | N | Grego | L, P. | N | 67x |
| Euclides | N | N | Falecido | M | N | Grego | N | N | 6x |
| Benedetto Croce | N | N | Falecido em 1952 | M | N | Italiano | N | N | 5x |
| Nicole Loraux | N | convidada francesa | Falecida em 2003 | F | N | Francesa | N | N | 3x |
| Platão | N | N | Falecido | M | N | Grego | N | N | 11x |
| Santo Agostinho | N | notório adversário do epicurismo | Falecido em 430 | M | N | Argélia | L, P. | N | 1, 12/ |
| Hugo de S. Vítor | N | N | Falecido em 1141 | M | N | Alemão | N | N | 1, 28/ |
| Duns Scot | N | o último grande dos escolásticos, Doutor Sutil | Falecido em 1308 | M | N | Inglês | L, P. | N | 7x |
| Alexandre Herculano | N | N | Falecido em 1877 | M | N | Português | L, P. | N | 4 |
| Pedro Lombardo | N | N | Falecido em 1160 | M | N | Italiano | N | N | 1 |
| Pedro Abelardo | N | N | Falecido em 1142 | M | N | Francês | N | N | 1 |
| Alexandre de Hales | N | N | Falecido em 1245 | M | N | Inglês | N | N | 1 |
| Guilherme de Conches | N | N | Falecido em 1154 | M | N | Francês | N | N | 1 |
| Ricardo de S. Vítor | N | N | Falecido em 1173 | M | N | Escocês | N | N | 1 |
| Sto. Alberto Magno | N | N | Falecido em 1280 | M | N | Alemão | N | N | 1 |
| Sto. Thomás de Aquino | N | N | Falecido em 1274 | M | N | Italiano | L, P. | N | 5 |
| S. Boaventura | N | N | Falecido em 1274 | M | N | Italiano | N | N | 2 |
| Sto. Anselmo | N | N | Falecido em 1109 | M | N | Italiano | N | N | 1 |
| Guilherme de Ockham | N | N | Falecido em 1347 | M | N | Inglês | N | N | 1 |
| Dilthey | N | N | Falecido em 1911 | M | N | Italiano | N | N | 5 |
| Ortega y Gasset | N | Gênio | Falecido em 1955 | M | N | Espanhol | N | N | 6 |
| Lavelle | N | N | Falecido em 1951 | M | N | Francês | N | N | 1 |
| Whitehead | N | N | Falecido em 1947 | M | N | Inglês | N | N | 1 |
| Lukács | N | N | Falecido em 1971 | M | N | Hungaro | N | N | 1 |
| Jaspers | N | Gigante | Falecido em 1971 | M | N | Alemão | C, P. | S | 3 |
| Gurdjieff | N | temível gozador metafísico, extreterrestre, pod | Falecido em 1945 | M | N | Russo | N | N | 14 |
| Cassirer | N | N | Falecido em 1945 | M | N | Polonês | N | N | 1 |
| Hartmann | N | N | Falecido em 1906 | M | N | Alemão | N | N | 1 |
| Scheler | N | N | Falecido em 1928 | M | N | Alemão | N | N | 1 |
| Garl-G. Jung | N | N | Falecido em 1961 | M | N | Suíço | N | N | 3 |
| René Guenon | N | o maior crítico da modernidade | Falecido em 1951 | M | N | França | C, F. L, P. | C, L | 39 |
| Jean-Charles Pichon | N | N | Falecido em 2006 | M | N | Francês | L, E. | N | 2 |
| Spencer | N | N | Falecido em 1903 | M | N | Inglês | N | N | 1 |
| Thomas Huxley | N | N | Falecido em 1985 | M | N | Inglês | L, P. | N | 4 |
| Chaim Perelman | N | um retórico | Falecido em 1984 | M | N | Polonês | C, F. | S | 11 |
| Paulo Francis | N | homem de vasta cultura | Falecido em 1997 | M | S | N | L, P. | N | 6 |
| Stella Caymmi | N | N | Viva | F | S | N | L, P. | N | 6 |

| | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Paul-Henri Michel | N | N | Falecido em 1964 | M | N | Francês | L, F. | N | 1 |
| Guy e Jean Testas | N | N | X | M | N | Espanhol | L, P. | N | 1 |
| Pietro Redondi | N | N | Vivo | M | N | Italiano | L,P. | N | 2 |
| Lewis Mumford | N | N | Falecido em 1990 | M | N | Estadunidense | L, P. | N | 2 |
| Henry Kamen | N | N | Vivo | M | N | Myanmar | L,P. | N | 1 |
| Friedrich Hayek | N | filósofo de puro direito | Falecido em 1992 | M | N | Austríaco | N | N | 2 |
| Ludwig von Mises | N | N | Falecido em 1973 | M | N | Ucraniano | N | N | 1 |
| De Maistre | N | N | Falecido em 1821 | M | N | Francês | L,P. | N | 3 |
| Donoso Cortés | N | N | Falecido em 1853 | M | N | Francês | N | N | 1 |
| Maurras | N | N | Falecido em 1952 | M | N | Francês | N | N | 1 |
| Carlos Alberto Nunes | N | N | Falecido em 1990 | M | S | Brasileiro | N | N | 1 |
| Pavlov | N | neurofisiologista russo | Falecido em 1936 | M | N | Russo | L, F. | N | 15 |
| Freud | N | N | Falecido em 1939 | M | N | Áustria | L, I. | N | 9 |
| Otto von Bismarck | N | N | Falecido em 1858 | M | N | Alemão | N | N | 1 |
| Alain (Émile-Auguste Chartier) | N | filósofo | Falecido em 1951 | M | N | Francês | N | N | 1 |
| Lucrécio | N | N | Falecido | M | N | Romano | N | N | 1 |
| Diógenes Laércio | N | N | Falecido em 240 | M | N | Romano | N | N | 1 |
| Chesterton | N | N | Falecido em 1936 | M | N | Inglês | N | N | 1 |
| Carlos García Gual | N | N | Vivo | M | N | Espanhol | L,P. | N | 2 |
| Nicolau de Cusa | N | N | Falecido em 1464 | M | N | Alemão | L, P. | N | 11 |
| Planck | N | N | Falecido em 1947 | M | N | Alemão | N | N | 8 |
| Heisenberg | N | N | Faleciod em 1976 | M | N | Alemão | L, E. | N | 18 |
| Dale Carnegie | N | N | Falecido em 1955 | M | N | Estadunidense | L, P. | N | 1 |
| Maxwell Maltz | N | N | Falecido em 1975 | M | N | Estadunidense | N | N | 1 |
| Lozano Alfonso Caycedo | N | N | Falecido em 2017 | M | N | Colombiano | L, P. | N | 1 |
| Richard Bandler | N | N | Vivo | M | N | Estadunidense | L, P. | N | 6 |
| John Grinder | N | N | Vivo | M | N | Estadunidense | L, P. | N | 6 |
| Marcel Proust | N | N | Falecido em 1922 | M | N | Francês | N | N | 1 |
| Kurt Levin | N | N | Falecido em 1947 | M | N | Polonês | L,P. | N | 3 |
| Éric Weil | N | N | Falecido em 1904 | M | N | Alemão | L, F. | N | 3 |
| Kant | N | N | Falecido em 1804 | M | N | Alemão | N | N | 5 |
| Juan Alfredo César Muller | N | querido mestre e amigo | Falecido em 1990 | M | N | Argentino | N | N | 1 |
| Albert Camus | N | N | Falecido em 1960 | M | N | Argelino | L,P. | N | 1 |
| Konrad Lorenz | N | N | Falecido em 1989 | M | N | Austríaco | L,P. | N | 6 |
| Flo Conway | N | pesquisador | Vivo | M | N | Estadunidense | L, I. | N | 7 |
| Joost A. M. Merloo | N | N | Falecido em 1976 | M | N | Países Baixos | L, P. | N | 1 |
| Karl Mannheim | N | N | Falecido em 1947 | M | N | Húngaro | L, P. | N | 2 |
| Paul M. A. Linebarger | N | N | Falecido em 1966 | M | N | Estadunidense | L, P. | N | 2 |
| Robert L. Geiser | N | N | X | M | N | Estadunidense | L, P. | N | 2 |
| Françoise Huet | N | N | Falecido em 1869 | M | N | Francês | N | S | 1 |
| Milton Erickson | N | um dos grandes psicoterapeutas do século | Falecido em 1980 | M | N | Estadunidense | N | N | 8 |
| Otto Poezl | N | psicólogo austríaco | X | M | N | Austríaco | N | N | 3 |
| William Sargant | N | psiquiatra inglês | Falecido em 1988 | M | N | Inglês | L, I. L, P. | N | 12 |
| Leon Festinger | N | psicólogo | Falecido em 1989 | M | N | Estadunidense | L, P. | N | 2 |

| | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Albert Farges | N | N | Falecido em 1926 | M | N | Francês | L, F. | N | 2 |
| Joseph Epes Brown | N | N | Falecido em 2000 | M | N | Estadunidense | L, I. | N | 1 |
| Lorenzo Valla | N | humanista | Falecido em 1457 | M | N | Italiano | N | N | 1 |
| Charles Morgan | N | N | Falecido em 1958 | M | N | Inglês | L, I. | N | 2 |
| Ingemar During | N | N | Falecido em 1984 | M | N | Suéco | L, E. | N | 5 |
| Teopompo | N | N | Falecido em 320a. | M | N | Grego | N | N | 1 |
| Teócrito de Quios | N | N | X | M | N | X | N | N | 1 |
| Demócares | N | N | Falecido em 275 | M | N | Grego | N | N | 1 |
| Lactâncio | N | N | Falecido em 320 | M | N | Norte da África | N | N | 1 |
| Dionísio | N | N | X | M | N | X | N | N | 1 |
| Heinrich Heine | N | materialista | Falecido em 1856 | M | N | Alemão | C, P. | S ("citado de me | 1 |
| Pierre Aubenque | N | N | Falecido em 2020 | M | N | Francês | L, F. | N | 1 |
| Alfred Fabre-Luce | N | N | Falecido em 1983 | M | N | Francês | C, P. | C. | 1 |
| Georges Dumézil | N | N | Falecido em 1986 | M | N | Francês | L, F. | N | 3 |
| Antonio Machado | N | N | Falecido em 1939 | M | N | Espanhol | C, P. | N | 1 |
| Miguel de Unamuno | N | N | Falecido em 1936 | M | N | Espanhol | C, E. | N | 2 |
| Russel Chandler | N | crítico protestante | Vivo | M | N | X | L, P. | N | 1 |
| José Guilherme Merquior | N | N | Falecido em 1991 | M | S | - | L, Português | N | |
| Allan Bloom | N | N | Falecido em 1992 | M | N | Estadunidense | L, Português | N | |
| Michel Lowy | N | N | Vivo (82 anos) | M | S | - | L, Português | N | |
| Edmund Wilson | N | Notória simpatia marxista | Falecido em 1972 | M | N | Estadunidense | L, Português | N | |
| Antônio Donato Paulo Rosa | N | N | | | | | | | |
| Kenneth Minogue | N | N | Falecido em 2013 | M | N | Australiano | L,Português | N | |
| Goethe | velho | alto dignitário da Maçonaria | Falecido em 1832 | M | N | Alemão | N | N | 16x |
| Edmund Husserl | N | N | Falecido em 1938 | M | N | Alemão | C, Português / L, Francês | S | 3x |
| Frithof Schuon | N | homem espiritual de primeiro plano | Falecido em 1998 | M | N | Suíço | L, Francês | N | |
| Mircea Eliade | N | N | Falecido em 1986 | M | N | Romeno | L, Português e Francês | N | |
| Henry Montaigu | N | N | Falecido em 1992 | M | N | Francês | C, Francês | S | |
| Huizinga | N | N | Falecido em 1945 | M | N | Holandês | L, Inglês | N | |
| Raymond Ruyer | N | N | Falecido em 1987 | M | N | Francês | L, Francês | N | |
| Einstein | N | N | Falecido em 1955 | M | N | Alemão | L, Português | N | |
| Friedrich Meinecke | N | Insigne | Falecido em 1954 | M | N | Alemão | L, Espanhol | N | |
| Giambattista Vico | N | obscuro professor de retórica | Falecido em 1774 | M | N | Italiano | N | N | |
| Bossuet | N | N | Falecido em 1704 | M | N | Francês | L, Francês | N | |
| D. H. Lawrence | N | N | Falecido em 1930 | M | N | Inglês | N | N | |
| Garl-g. Jung | N | N | Falecido em 1961 | M | N | Suíço | N | N | |
| Ludwig Klages | N | N | Falecido em 1956 | M | N | Alemão | N | N | |
| Vicente Ferreira da Silva | N | Talentoso pensador | Falecido em 1963 | M | S | - | L, Português | N | |
| Georges Dumézil | N | N | Falecido em 1986 | M | N | Francês | L, Francês | N | |
| Paul Feyerabend | N | N | Falecido em 1994 | M | N | Austriaco | L, Português | N | |
| Alexandre Koyré | N | N | Falecido em 1964 | M | N | Francês | L, Francês | N | |
| Henry Corbin | N | N | Falecido em 1978 | M | N | Francês | L, Francês | N | |
| Charles Péguy | n | n | Falecido em 1914 | M | N | Francês | C, Francês | S | |
| C.P. Snow | N | N | Falecido em 1980 | M | N | Inglês | N | N | |
| Arthur Koestler | N | N | Falecido em 1983 | M | N | Húngaro | L, Inglês | N | |
| Chistopher Dawson | N | N | Falecido em 1970 | M | N | Inglês | L, Inglês | N | |
| Eric Voegelin | N | Lucidíssimo | Falecido em 1985 | M | N | Alemão | L, Português e Inglês | N | 6 |

| | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Augusto Comte | N | Messias da Religião da Humanidade | Falecido em 1857 | M, | N | Francês | N | N | 16 |
| Bertrand de Jouvenel | N | N | Falecido em 1987 | M | N | Francês | L, Francês / C, Português | S | 9 |
| Thomas Hobbes | N | N | Falecido em 1679 | M | N | Inglês | L, Inglês | N | 4 |
| William Henry Drayton | N | N | Falecido em 1979 | M | N | Estadunidense | L, Inglês | S | |
| Jakon Wassermann | N | N | Falecido em 1934 | M | N | Alemão | C, Português | S | |
| Duns Scot | N | N | Falecido em 1308 | M | N | Inglês | N | N | 4 |
| Etienne Souriau | N | N | Falecido em 1979 | M | N | Francês | N | N | |
| August Strindberg | N | N | Falecido em 1912 | M | N | Suéco | L, Português | N | 3 |
| Paul Johnson | N | N | Vivo (91 anos) | M | N | Inglês | L, Português | N | 4 |
| Bruno Tolentino | N | N | Falecido em 2007 | M | S | - | C, Português | N | 5 |
| Shakespeare | N | N | Falecido em 1616 | M | N | Inglês | N | N | |
| Racine | N | N | Falecido em 1699 | M | N | Francês | N | N | |
| Corneille | N | N | Falecido em 1684 | M | N | Francês | N | N | |
| Dante | N | N | Falecido em 1321 | M | N | Italiano | N | N | |
| Miguel de Unamuno | N | N | Falecido em 1936 | M | N | Espanhol | C, Espanhol / L, Espanhol | S | |
| Balzac | N | N | Falecido em 1850 | M | N | Francês | L, Português | N | |
| Stendhal | N | N | Falecido em 1842 | M | N | Francês | N | N | |
| F. M. Dostoiévsk | N | N | Falecido em 1881 | M | N | Russo | L, Português | N | |
| Heinrich von Kleist | N | N | Falecido em 1811 | M | N | Alemão | N | N | |
| Alfred Sauvy | N | grande economista | Falecido em 1990 | M | N | Francês | L. Francês | n | |
| Michel Veber | N | N | Falecido | M | N | Francês | L, Português | N | |
| Eduard Perroy | N | N | Falecido em 1974 | M | N | Francês | L, Português | N | |
| Henri Pirenne | N | N | Falecido em 1935 | M | N | Belga | L, Português | N | |
| Luís A. de Boni | N | N | Vivo (80 anos) | M | S | - | L, Português | N | |
| Louis Bertrand | N | N | Falecido em 1941 | M | N | Francês | L, Português | N | |
| Gilberd Durand | N | N | Falecido em 2012 | M | N | Francês | L, Francês | N | |
| Carl J, Friedrich | N | N | Falecido em 1984 | M | N | Alemão | L, Portugues | N | |
| Elaine Sanceau | N | N | Falecida | F | N | Inglês | L, Português | N | |
| Afonso de Albuquerque | N | N | Falecido em 1915 | M | N | Português | L. Português | N | |
| Raymond Aron | N | N | Falecido em 1983 | M | N | Francês | L, Português | N | |
| George B. Tindall | N | N | Falecido em 2006 | M | N | Estadunidense | L, Inglês | N | |
| David E. Shi | N | N | Vivo (68 anos) | M | N | Estadunidense | L, Inglês | N | |
| Kolakowski | N | N | Falecido em 2009 | M | N | Polonês | L, Espanhol | N | |
| John Robison | N | alto dignitário da Maçonaria escocesa | Falecido em 1805 | M | N | Inglês | L, Inglês | N | |
| Jean Palou | N | N | Falecido | M | N | | L, Português | N | |
| Christopher Lasch | N | N | Falecido em 1994 | M | N | Estadunidense | C, Portugues / Listado, Português | s | |
| Nílson José Machado | N | N | Vivo | M | S | - | L, Português | N | |
| Titus Burckhardt | N | N | Falecido em 1984 | M | N | Suíço | L, Francês e Alemão | N | |
| René Alleau | N | N | Falecido em 2013 | M | N | Francês | L, Francês | N | |
| Susanne K. Langer | N | N | Falecida em 1985 | F | N | Estadunidense | L, Inglês | N | |
| Octávio Tarquínio de Souza | N | N | Falecido em 1959 | M | S | - | L, Português | N | |
| John Bennett | N | N | Falecido em 2005 | M | N | Ingles | L, Inglês | N | |

| | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Ernest Scott | N | N | Falecido em 1939 | M | N | Ingles | L, Inglês | N | |
| Eric Wei | N | filósofo | Falecido em 1977 | M | N | Alemão | L, Francês | N | |
| Marcel Brion | n | n | Falecido em 1984 | M | N | Francês | L, Francês | N | |
| Janer Cristaldo | N | N | Falecido em 2014 | M | S | - | L, Português | N | |
| Fúlvia Rosenberg | N | N | Falecida em 2014 | M | S | - | L, Português | N | |
| Patrícia Mongan | N | N | Viva | M | N | Estadunidense | L, Inglês | N | |
| A. De Saint-Exupéry | N | N | Falecido em 1944 | M | N | Francês | C, Francês | S | |
| Joseph Schumpeter | N | N | Falecido em 1950 | M | N | Austríaco | L, Inglês | N | |
| Jurgen Habermas | N | N | Vivo (91 anos) | M | N | Alemão | N | N | |
| Friedrich Hayek | N | N | Falecido em 1992 | M | N | Austríaco | N | N | |
| Daniel Bell | N | N | Falecido em 2011 | M | N | Estadunidense | L, Português | N | |
| Sartre | N | N | Falecido em 1980 | M | N | Francês | N | N | |
| Georges Bernanos | N | N | Falecido em 1948 | M | N | francês | C, Francês / L, Francês | S | |
| T. S. Elliot | N | N | Falecido em 1965 | M | N | Estadunidense | L, Inglês | N | |
| Alain de Benoist | N | N | Vivo (76 anos) | M | N | francês | L, Francês | N | |
| Roger Scruton | N | N | Falecido em 2020 | M | N | Ingles | L, Inglês | N | |
| Roberto Campos | N | N | Falecido em 2001 | M | S | - | N | N | |
| Aristóteles Drummond | N | N | Vivo (76 anos) | M | S | - | L, Português | N | |
| Donald Stewart Jr. | N | Polemista neoliberal | Falecido em 1999 | M | S | - | N | N | |
| José Oswaldo de Meira Penna | N | Polemista | Falecido em 2017 | M | S | - | N | N | |
| Paulo Francis | N | homem de vasta cultura | Falecido em 1997 | M | S | - | L, Português | N | |
| Friedrich Karl von Savigny | N | N | Falecido em 1861 | M | N | Alemão | N | N | |
| Nelson Lehman da Silva | N | N | Falecido | M | S | - | L, Português | N | |
| Victor Ostrovski | N | N | Vivo (70 anos) | M | N | Canadense | L, Português | N | |
| Claire Hoy | N | N | Vivo (80 anos) | M | N | Canadense | L, Português | N | |
| Christopher Felix | N | N | Falecido em 2007 | M | N | Estadunidense | L, Inglês | N | |
| Luís Mir | N | N | Vivo (62 anos) | M | S | - | L, Português | N | |
| Pierre Gaxotte | N | N | Falecido em 1982 | M | N | francês | L, Francês | N | |
| Richard Hooker | N | N | Falecido em 1600 | M | N | Ingles | L, Ingles | N | |
| Oswaldo Peralva | N | N | Falecido em 1992 | M | S | - | L, Português | N | |
| Paul Diel | N | N | Falecido em 1972 | M | N | Austríaco | L, Francês | N | |
| Caio Prado Jr. | N | N | Falecido em 1990 | M | S | - | L, Português | N | |
| Ellsworth Huntington | N | N | Falecido em 1947 | M | N | Estadunidense | L, Inglês | N | |
| Julius Evola | N | um dos maiores escritores exotéricos | Falecido em 1974 | M | N | Italiano | N | N | |
| Claude Lévi-Strauss | N | | | | | | | | |

| Contra quem: | Tem apelido? Qual? | Categoria classificatória | Vivo/Morto | Genêro | Brasileiro? | Estrangeiro? | É listado ou citado em que língua? | É citado? | Quantas vezes? |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| José Américo Motta Pessanha | N | Retor, mestre da persuasão, orador, mestre de marketi | Falecido em 1993 | M | S | Brasileiro | L, P. | N | 98 |
| Lair Ribeiro | N | N | Vivo | M | S | Brasileiro | N | N | 2 |
| Epicuro | N | materialista raso, menor que um filósofo, filósofo do jard | Falecido em 270a. | M | N | Grego | L, P. | N | 176 |
| Leo Naphta | N | velhinho | Falecido em X | M | N | X | N | N | 1 |
| Lodovico Settembrini | N | velhinho | Falecido em X | M | N | X | N | N | 1 |
| John Stuart Mill | N | N | Falecido em 1873 | M | N | Inglês | N | N | 1 |
| Marilena Chauí | N | mais eminente intelectual do PT | Vivo | F | S | Brasileira | N | N | 2 |
| Sófocles | N | N | Falecido em X | M | N | Grego | N | N | 1 |
| Ésquilo | N | N | Falecido em X | M | N | Grego | N | N | 1 |
| Newton | N | medieval, determinista | Falecido em 1727 | M | N | Inglês | N | N | 7 |
| Kalecki | N | economista que não é citado | Falecido em 1970 | M | N | Polonês | N | N | 1 |
| Condillac | N | autor menor, filósofo de terceiro ou quarto time, típico p | Falecido em 1780 | M | N | Francês | N | N | 2 |
| Helvétius | N | autor menor, típico philosophes | Falecido em 1771 | M | N | Francês | N | N | 3 |
| Dégerando | N | autor menor, típico philosophes | Falecido em 1842 | M | N | Francês | N | N | 2 |
| Wittgenstein | N | N | Falecido em 1951 | M | N | Austríaco | N | N | 4 |
| Adorno | N | N | Falecido em 1969 | M | N | Alemão | N | N | 2 |
| João Alves | N | N | Vivo | M | S | Brasileiro | N | N | 1 |
| Crébillon | N | N | Falecido em 1777 | M | N | Francês | N | N | 2 |
| Gramsci | N | teórico do "historicismo absoluto", filósofo de alta rotati | Falecido em 1937 | M | N | Italiano | L, P. | N | 32 |
| Giordano Bruno | N | N | Falecido em 1600 | M | N | Italiano | N | N | 8 |
| Simone de Beauvoir | N | N | Falecida em 1986 | F | N | Francesa | N | N | 1 |
| Fiekenkraut | N | filósofo de alta rotatividade | X | X | X | X | N | N | 1 |
| Fukuyama | N | filósofo de alta rotatividade | Vivo | M | N | Estadunidense | N | N | 1 |
| Richard Rorty | N | filósofo pragmatista | Falecido em 2007 | M | N | Estadunidense | N | N | 1 |
| Demócrito | N | N | Falecido em X | M | N | Grego | N | N | 17 |
| Karl Marx | N | materialista | Falecido em 1883 | M | N | Alemão | N | N | 46 |
| Muniz Sodré | N | típico cientista social brasileiro de formação marxista | Vivo | M | S | Brasileiro | L, P. | N | 1 |
| Deleuze | N | N | Falecido em 1995 | M | N | Francês | L, P. | N | 1 |
| Guatarri | N | N | Falecido em 1992 | M | N | Francês | L, P. | N | 1 |
| Michel Foucault | N | antipsiquiatra | Falecido em 1984 | M | N | Francês | N | N | 2 |
| David Bohm | N | N | Falecido em 1992 | M | N | Estadunidense | L, P. | N | 2 |
| Carlos García Gual | N | N | Vivo | M | N | Espanhol | L, P. | N | 3 |
| Pierre Gassend | N | N | Falecido em 1655 | M | N | Francês | N | N | 5 |
| Paul Nizan | N | N | Falecido em 1940 | M | N | Francês | N | N | 1 |
| Allan Watts | N | N | Falecido em 1973 | M | N | Inglês | N | N | 1 |
| Timothy Leary | N | N | Falecido em 1996 | M | N | Estadunidense | N | N | 1 |
| Che Guevara | N | N | Falecido em 1996 | M | N | Estadunidense | N | N | 1 |
| Pierre Bayle | N | N | Falecido em 1967 | M | N | Argentino | N | N | |
| La Mettrie | N | N | Falecido em 1706 | M | N | Francês | N | N | |
| Helvétius | n | Libertino de segundo time | Falecido em 1771 | M | N | Francês | N | N | 3 |
| D'Holbach | N | N | Falecido em 1779 | M | N | Alemão | N | N | 1 |
| Laplace | N | o mais feroz dos deterministas | Falecido em 1827 | M | N | Francês | N | N | 1 |
| Reich | N | N | Falecido em 1957 | M | N | Ucraniano | N | N | 1 |
| Marcuse | N | N | Falecido em 1979 | M | N | Alemão | N | N | |
| Horkheimer | N | N | Falecido em 1973 | M | N | Alemão | L, Francês | N | |
| Nietzsche | | | | | | | | | |
| Trótski | N | N | Falecido em 1940 | M | N | Ucraniano0 | N | N | 1 |
| Stálin | N | Tirano | Falecido em 1953 | M | N | Georgiano | N | N | 6 |
| Sénancour | | libertino de segundo time | Falecido em 1846 | M | N | Francês | N | N | 1 |
| Anthony Robbins | N | N | Vivo (50 anos) | M | N | Estadunidense | N | N | |
| Ptolomeu | N | N | Falecido (a.C) | M | N | Egito | N | N | |
| Allan Kardec | n | espiritual | Falecido em 1869 | M | N | Francês | N | N | |
| Madame Blavatsky | N | espiritual | Falecida em 1891 | F | N | Ucraniana | N | N | 3 |
| Galileu | N | N | Falecido em 1642 | M | N | Italiano | N | N | 11 |
| Georg Cantor | N | Célebre | Falecido em 1918 | M | N | Russo | N | N | |
| Jean Piaget | N | N | Falecido em 1980 | M | N | Suíço | L, Português | N | 8 |
| Thomas S. Kuhn | N | N | Falecido em 1996 | M | N | Estadunidense | N | N | 1 |
| Ovídio | N | N | Falecido em 17 | M | N | Romano | N | N | 1 |
| Horácio | N | N | Falecido em 8 | M | N | Romano | N | N | |
| Virgílio | N | N | Falecido em 19 a. | M | N | Italiano | N | N | 1 |
| Quintiliano | N | N | Falecido em 96 | M | N | Italiano | N | N | 1 |
| Fritjof Capra | N | N | Vivo (61 anos) | M | N | Austríaco | L, português e inglês | N | 6 |
| Raymond Ruyer | N | N | Falecido em 1987 | M | N | Francês | L, Francês | N | |
| Fernando Raul de Assis Neto | N | Professor | Vivo | M | S | - | N | N | 1 |
| David F. Strauss | N | N | Falecido em 1874 | M | N | Alemão | L, Português | n | 1 |
| Bruno Bauer | N | Doutrinatário | Falecido em 1882 | M | N | Alemão | N | N | 3 |
| Gustavo Barroso | N | N | Falecido em 1959 | M | S | - | L, português e inglês | N | 1 |
| Adam Schaff | N | Marxista arrependido, maçom | Falecido em 2006 | M | N | Ucraniano | L, português | N | 1 |
| Hebert José de Souza | Betinho | N | Falecido em 1997 | M | S | - | N | N | 14 |
| Jean Bodin | N | N | Falecido em 1596 | M | N | Francês | L, Francês | N | 3 |
| Thomas Smith | N | N | Falecido em 1919 | M | N | Estadunidense | L, inglês | N | 1 |
| Dupanloup | N | N | Falecido em 1878 | M | N | Francês | N | N | 3 |
| Aleister Crowley | N | n | Falecido em 1947 | M | N | Inglês | N | N | 1 |
| Mário Ferreira dos Santos | N | Filósofo | Falecido em 1968 | M | S | - | L, Português | n | 3 |

| Neutro | Tem apelido? Qual? | Categoria classificatória | Vivo/Morto | Genêro | Brasileiro? | Estrangeiro? | É listado ou citado em que língua? | É citado? | Cap/Pag. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Marielza Augelli | N | correspondente | Viva | F | S | Brasileira | L, P. C, P. | S | 2 |
| Boécio | N | filósofo | Falecido em 480 | M | N | Grego | C, P. | S | 2 |
| Ludwig Feuerbac | N | N | Falecido em 1872 | M | N | Alemão | C, P. L, P. | S | 6 |
| Weber | N | anti-marxista | Falecido em 1920 | M | N | Alemão | C,P. L, P. L, I. | S | 9 |
| Fernando Henriq | M | N | Vivo | M | S | Brasileiro | N | N | 1 |
| Edgar Allan Poe | N | N | Falecido em 1849 | M | N | Estadunidense | L, P | N | 1 |
| Umberto Eco | N | N | Falecido em 2016 | M | N | Italiano | L, P. | N | 1 |
| Copérnico | N | N | Falecido em 1543 | M | N | Polonês | N | N | 1 |
| Kepler | N | N | Falecido em 1630 | M | N | Alemão | N | N | 1 |
| Descartes | N | cientistas matematizantes, | Falecido em 1650 | M | N | Francês | N | N | 8 |
| Galileu | N | cientistas matematizantes | Falecido em 1642 | M | N | Italiano | N | N | 11 |
| Bacon | N | N | Falecido em 1626 | M | N | Inglês | N | N | 1 |
| Harvey | N | N | Falecido em 1657 | M | N | Inglês | N | N | 1 |
| Epicteto | N | filósofo estóico | Falecido em 135 | M | N | Turco | C, P. | N | 1 |
| Baruch Espinoza | N | grande pensador | Falecido em 1677 | M | N | Holandês | N | N | 2 |
| Maquiavel | N | N | Falecido em 1527 | M | N | Italiano | N | N | 4 |
| Montaigne | N | N | Falecido em 1592 | M | N | Francês | N | N | 2 |
| Leopold von Ranl | N | N | Falecido em 1886 | M | N | Alemão | N | N | 2 |
| Hobsbawm | N | N | Falecido em 2012 | M | N | Egito | N | N | 1 |
| Walter Biemel | N | N | Falecido em 2015 | M | N | Alemão | L, Italiano. | N | 2 |
| Friedrich Meinecl | N | grande historiador do histor | Falecido em 1954 | M | N | Alemão | L, E. | N | 5 |
| Malebranche | N | N | Falecido em 1715 | M | N | Francês | N | N | 2 |
| Enéas Silvio Pic | N | N | Falecido em 1464 | M | N | Italiano | N | N | 1 |
| Blaise Pascal | N | N | Falecido em 1662 | M | N | Francês | N | N | 4 |

## Apêndice 3 - Mapeamento Autoral:
## CARVALHO, O. A Nova Era e a Revolução Cultural

| Com quem: | Tem apelido? Qual? | Categoria classificatória | Vivo/Morto | Genêro | Brasileiro? | Estrangeiro? | É listado ou citado em que língua? | É citado? | Cap/Pag. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Darcy Ribeiro | N | antecessor (12) | Falecido em 1997 | M | S | - | - | - | 01/12 |
| Mário Vieira de Mello | N | Antecessor (12) | Falecido em 2006 | M | S | - | - | - | 01/12 |
| Gilberto Freyre | N | Antecessor (12) | Falecido em 1987 | M | S | - | - | - | 01/12 |
| William Blake | N | N | Falecido em 1827 | M | N | Inglês | - | - | 01/14 |
| Susan Sontag | N | N | Falecida em 2004 | F | N | Estadounidense | - | - | 01/15 |
| Kathleen Raine | N | N | Falecida em 2003 | F | N | Inglêsa | Inglês (Blake and Tradition) | - | 01/14 |
| V. José Arthur Gianotti | N | Valente (25) | Vivo (90 anos) | M | S | - | - | - | 02/25 |
| Fernando Henrique Cardoso | N | N | Vivo (88 anos) | M | S | - | - | - | 02/31 |
| Oliveiros Ferreira | N | N | Falecido em 2017 | M | S | - | - | - | 02/32 |
| Arthur Koestler | N | N | Falecido em 1983 | M | N | Húngaro | - | - | 01/20 |
| Herberto Sales | N | Romancista / Guru estilístico (42) | Falecido em 1999 | M | S | - | - | - | 03/42 |
| Marcel Granet | N | N | Falecido em 1940 | M | N | Francês | - | - | 04/48; 06/77,78 |
| Max Weber | N | Gigante (62) | Falecido em 1920 | M | N | Alemão | Português (52), Inglês (82) | | 04/52; 06/78 |
| Richard Wilhelm | N | N | Falecido em 1930 | M | N | Alemão | - | - | 04/53 |
| Gérard Mendel | N | N | Falecido em 2004 | M | N | Francês | Francês (58) | | 04/58 |
| Richard Hooker | N | Sábio | Falecido em 1600 | M | N | Inglês | | | 04/59 |
| Leibniz | N | Gigante (62), Principal Opositor de Newton (63) | Falecido em 1716 | M | N | Alemão | - | - | 04/64 |
| Planck | N | N | Falecido em 1947 | M | N | Alemão | - | - | 04/64 |
| Heisenberg | N | N | Falecido em 1976 | M | N | Alemão | - | - | 04/64 |
| Goethe | N | N | Falecido em 1832 | M | N | Alemão | - | - | 04/64 |
| Driesch | N | Gigante (62) | Falecido em 1941 | M | N | Alemão | - | - | 04/64 |
| Boutroux | N | Gigante (62) | Falecido em 1921 | M | N | Francês | - | - | 04/64 |
| Edmund Husserl | N | matemático e filósofo, fundador da fenemonologia (67) | Falecido em 1938 | M | N | Alemão | Português (67) | - | 04/67 |
| Aristóteles | N | N | Falecido em 323a.C | M | N | Grego | - | - | 04/69; 07/105, |
| Wolfgang Smith | N | N | Vivo (90 anos) | M | N | Estadunidense | Inglês (75) | - | 05/75 |
| Hipócrates | N | N | Falecido em ? | M | N | Grego | - | - | 05/75 |
| Sto. Alberto Magno | N | N | Falecido em 1280 | M | N | Alemão | - | - | 05/75 |
| Roger Bacon | N | N | Falecido em 1292 | M | N | Inglês | - | - | 05/75 |
| Arthur Janov | N | Eminente Psiquiatra | Falecido em 2017 | M | N | Estadunidense | - | - | 05/75 |
| Joel de Rosnay | N | Professor | Vivo (82 anos) | M | N | Ilhas Maurício | - | - | 06/76 |
| Philastre | N | N | Falecido em 1902 | M | N | Belga | Francês (77) | - | 06/77 |
| René Guenom | N | N | Falecido em 1951 | M | N | Francês | Francês (77), Francês (78) | - | 06/77; 06/78 |
| José Ortega y Gasset | N | N | Falecido em 1955 | M | N | Espanhol | Espanhol (77) | - | 06/78 |
| Maquiavel | N | Guru de gramsci (85), | Falecido em 1527 | M | N | Italiano | Português (114), português (173) | - | 07/85 |
| Nelson Rodrigues | N | N | Falecido em 1980 | M | S | - | - | - | 07/99 |
| Laurana Lajolo | N | Hagiógrafa | Viva (77 anos) | F | N | Italiana | - | - | 07/102 |
| Platão | N | N | Falecido em ? | M | N | Grego | - | - | 07/105 |
| Vladimir Soloviev | N | Filósofo | Falecido em 1900 | M | N | Russo | - | - | 07/106 |
| Eric Hoffer | N | N | Falecido em 1983 | M | N | Estadunidense | Inglês (110) | | 07/108,110 |
| Oliveiros da Silva Ferreira | N | Acadêmico | Falecido em 2017 | M | S | - | - | - | 08/127 |
| Roger Scruton | N | N | Falecido em 2020 | M | N | Inglês | Inglês (127) | - | 08/127 |
| Alfredo Sáenz | N | N | Vivo (88 anos) | M | N | Argentino | Espanhol (127) | - | 08/127 |
| Márcio Moreira Alves | N | N | Falecido em 2009 | M | S | - | - | - | 08/127 |
| Russell Chandler | N | Jornalista | Vivo | M | N | Estadunidense | - | - | 09/134 |
| Armand Hammer | N | N | Falecido em 1990 | M | N | Estadunidense | Português (166) | - | 11/166 |
| Nietzsche | N | Gigante (62) | Falecido em 1900 | M | N | Prussiano | - | - | 11/171 |
| Francisco Correia Weffort | N | N | Vivo (83 anos) | M | S | - | - | - | 11/175 |

| Contra quem: | Tem apelido? Qual? | Categoria classificatória | Vivo/Morto | Genêro | Brasileiro? | Estrangeiro? | É listado ou citado em que língua? | É citado? | Cap/Pag |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Fritjof Capra | Guru da Nova Era (41) | Escritor (45) Profeta (45,47,48,54,59) Líder (45) Autoridade Espiritual (45) Inconsequente (72) | Vivo (81 anos) | M | N | Austríaco | L, P (45) L, P (64) | S | 01/17 |
| Antonio Gramsci | Antonio Só-a-Cabecinha | Ideólogo (81) Profeta (98) Mesquinho (102) Maestro (114) Esotérico (127) | Falecido em 1937 | M | N | Italiano | L, P (114) | S | 01/18;02/30;02/31 |
| Richard Rorty | N | - | Falecido em 2007 | M | N | Estadunidense | | N | 02/25 |
| Frei Betto | N | Acólito (25) | Vivo (75 anos) | M | S | | | N | 04/45; 05/71 |
| Christovam Buarque | N | Acólito (25) | Vivo 76 anos) | M | S | | | N | 04/45 |
| Betty Friedan | N | N | Falecida em 2006 | F | N | Estadunidense | | N | 04/48 |
| Karl Marx | N | Herdeiro (97) Velho(113) Fantasma (174) | Falecido em 1883 | M | N | Alemão | | N | 04/54,55; 07/83,91,97,101 |
| Fukuyama | N | N | Vivo (67 anos) | M | N | Estadunidense | | N | 04/56 |
| Freud | N | N | Falecido em 1939 | M | N | Império Austríaco | | N | 04/58 |
| Descartes | N | N | Falecido em 1650 | M | N | Francês | | N | 04/63 |
| Newton | N | N | Falecido em 1727 | M | N | Inglês | C, P (63) | S | 04/63 |
| Voltaire | N | Imperador (64) | Falecido me 1778 | M | N | Francês | | N | 04/64 |
| Herbert Spencer | N | N | Falecido em 1903 | M | N | Inglês | C, P (65) | S | 04/65 |
| Allan Kardec | N | Ocultista | Falecido em 1869 | M | N | Francês | | N | 04/65 |
| Madame Blavatsky | N | Ocultista | Falecida em 1891 | F | N | Ucraniana | | N | 04/65 |
| Thomas Henry Huxley | N | N | Falecido em 1895 | M | N | Inglês | C, P (65) | S | 04/65 |
| Gustav Ratzenhofer | N | N | Falecido em 1904 | M | N | Austríaco | C, P (66) | S | 04/66 |
| William G. Sumner | N | N | Falecido em 1910 | M | N | Estadunidense | C, P (66) | S | 04/66 |
| Augusto Comte | N | N | Falecido em 1857 | M | N | Francês | C, P (66) | S | 04/66; 07/103; 07/103 |
| Rudolf Carnap | N | N | Falecido em 1970 | M | N | Alemão | C, P (66) | S | 04/66 |
| Rosa Luxemburgo | N | N | Falecida em 1919 | F | N | Polonesa | N | N | 07/82,97 |
| Karl Liebknecht | N | N | Falecido em 1919 | M | N | Alemão | N | N | 07/82,97 |
| Benedetto Croce | Liberal Antifascista (87) | N | Falecido em 1952 | M | N | Italiano | N | N | 07/86,107 |
| Giovanni Gentile | Ministro de Mussolini (87 | N | Falecido em 1944 | M | N | Italiano | N | N | 07/86 |
| Lênin | N | Teórico (83) Fantasma (174) | Falecido em 1924 | M | N | Russo | N | N | 07/97,111; 11/148 |
| Stálin | N | N | Falecido em 1953 | M | N | Geórgia | N | N | 07/97 |
| Antonio Labriola | N | Mestre (97) | Falecido em 1904 | M | N | Italiano | N | N | 07/97 |
| Tales | N | Sofista (105) | Falecido A.C. | M | N | Grécia | N | N | 07/105 |
| Anaximandro | N | Sofista (105) | Falecido A.C. | M | N | Grécia | N | N | 07/106 |
| Anaxímenes | N | Sofista (105) | Falecido A.C. | M | N | Grécia | N | N | 07/107 |
| Parmênides | N | Sofista (105) | Falecido A.C. | M | N | Grécia | N | N | 07/108 |
| Heráclito | N | Sofista (105) | Falecido A.C. | M | N | Grécia | N | N | 07/109 |
| Edward Bernstein | N | N | Falecido em 1932 | M | N | Alemão | N | N | 07/111 |
| Herbert Marcuse | N | N | Falecido em 1979 | M | N | Alemão | N | N | 07/112 |
| Ênio Silveira | N | Editor (114) | Falecido em 1996 | M | S | | N | N | 07/114 |
| Herbert José de Sousa | Betinho | N | Falecido em 1997 | M | S | | N | N | 08/119 |
| Gilberto Dimenstein | N | N | Vivo (63 anos) | M | S | | N | N | 08/126 |
| Adorno | N | Marxista (129) | Falecido em 1969 | M | N | Alemão | N | N | |
| Horkheimer | N | Marxista (129) | Falecido em 1973 | M | N | Alemão | N | N | 08/129 |
| Marcuse | N | Marxista (129) | Falecido em 1979 | M | | Alemão | N | N | 08/130 |
| Lúkacs | N | Marxista (129) | Falecido em 1971 | M | | Húngaro | N | N | 08/131 |
| Carlos Amorim | N | N | Vivo | M | S | | L, P (140) C, P (142, 144, 147, 148 | S | 11/139 |
| Carlos Marighella | N | N | Falecido em 1969 | M | S | | L, P (147) | S | 11/146,147, 160 |
| Ché Guevara | N | N | Falecido em 1967 | M | N | Argentino | L, P (147) | S | 11/147 |
| Régis Débray | Doidão (112), Fantasm | N | Vivo (79 anos) | M | N | Francês | L, P (147) | S | 11/147 |
| Wilfred Burchett | N | N | Falecido em 1983 | M | N | Australiano | L, P (147) | S | 11/147 |
| José Carlos Tórtima | Devoto Esquerdista (15 | N | Vivo (75 anos) | M | S | | C, P (154) | S | 11/154 |
| Marco Aurélio Garcia | N | Teórico (164) | Falecido em 2017 | M | S | | L, P (164) | S | 11/164 |
| César Benjamin | N | Biógrafo-Apologista (168) | Vivo (66 anos) | M | S | | N | N | 11/168 |
| Bertolt Brecht | N | N | Falecido em 1956 | M | N | Alemão | N | N | 11/173 |
| Althusser | N | Fantasma (174) | Falecido em 1980 | M | N | Argélia | N | N | 11/174 |

| Neutro | Tem apelido? Qual? | Categoria classificatóri | Vivo/Morto | Genêro | Brasileiro? | Estrangeiro? | É listado ou citado em que língua? | É citado? | Área | Cap/Pag. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Epicuro | N | - | Falecido A.C. | M | N | Grécia | N | - | | |
| Chaim Perelman | N | - | Falecido 1984 | M | N | Polonês | S, Português | - | | |
| Paulo Arantes | N | - | Vivo (78 anos) | M | S | - | N | - | | 07/106 |